

a breve existência da seção brasileira do centro internacional de pesquisas sobre o anarquismo [1ª parte]

pietro ferrua*

Quando, em 1963, fui forçado a sair da Suíça, tive a imensa sorte de deixar em boas mãos as atividades do *Centre International de Recherches sur l'Anarchisme* (a sigla C.I.R.A. permaneceu mesmo nas seções de outros países, incluindo o Brasil, onde uma mera tradução teria dado a abreviação C.I.P.A.) que eu concebera sete anos antes em Genebra. Marie-Christine Mikhailova (recém falecida) e sua filha Marianne Enckell, generosa e corajosamente, assumiram a responsabilidade pela instituição e continuaram a dirigi-la, louvavelmente ajudadas por um modesto, porém constante, grupo de voluntários. Do meu exílio brasileiro continuei colaborando com o C.I.R.A., como melhor pude.

Neste ponto cabe lembrar que a viagem ao Brasil, depois da expulsão helvética de 31 de janeiro de 1963, não foi a primeira. Em 1961 eu tinha permanecido lá dois meses de férias e tinha encontrado várias vezes os companheiros do Rio de Janeiro, Caxambu, Belo Horizonte, São Paulo, Niterói, "Nossa Chácara", participan-

* Professor Emérito do Lewis & Clark College, Portland, Estados Unidos, fundador do Centre International de Recherches sur l'Anarchisme, C.I.R.A., viveu no Brasil entre 1963 e 1969.

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

do de reuniões e excursões. O C.I.R.A. já tinha há alguns anos um representante no Brasil, o então muito ativo Enio Cardoso, autor de alguns livros e, entre outros, de um *Projeto de Federação Anarquista latino-americana*, que previa a adesão ao C.I.R.A. e/ou a criação de uma seção brasileira. Infelizmente, quando me estabeleci no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1963, Enio tinha entrado em crise e deixado de militar no movimento anarquista.

As circunstâncias políticas (quase logo sobreveio a ditadura militar) não favoreciam, certamente, atividades públicas ligadas ao anarquismo. Como militante tomei algumas iniciativas (co-fundação da Liga dos Direitos do Homem, do Centro Internacional de Estudos Brasileiros; também me tornei presidente do Centro de Estudos Professor José Oiticica, etc.). Nessas atividades, porém, o rótulo anarquista não aparecia, sendo esse anonimato insuportável, pois não marcava nossa presença. Eu me perguntava por que teríamos que praticar uma espécie de autocensura. Surgiu progressivamente¹ a idéia de se constituir uma seção brasileira (que teria se transformado em centro latino-americano, segundo o velho e esquecido projeto de Cardoso) do C.I.R.A.-Internacional (do qual, aliás, já se cogitavam “filiais” na França, na Inglaterra, na Bélgica, na Holanda e no Japão). Foi assim que, em julho de 1967 – após uma série de conversações pessoais, antes, e de reuniões preparatórias, depois, foi oficialmente inaugurado o C.I.R.A.-Brasil. Apesar da apreensão pela polícia e pela censura militar dos arquivos, ocorrida em lugares diferentes e em várias oportunidades, alguns documentos foram preservados e nos permitem reconstituir quase integralmente a trajetória. A lista se encontra no fim do artigo.²

Esses documentos de arquivo (em cópia mimeografada ou datilografada ou fotocópia de um original confiscado ou extraído) não são os únicos vestígios das atividades pois foram preservadas também cópias das cartas enviadas (costumávamos datilografar a correspondência “oficial” e guardávamos a cópia) bem como algumas dúzias das cartas recebidas, entre aquelas interceptadas pela censura sem nosso conhecimento ou confiscadas no momento de minha prisão, ou ainda, sequestradas na repartição postal de Caxambu (Minas Gerais), ou na casa de ve-

raneio de minha sogra, Blanca Lobo Filho (que, por causa disso, teve que passar umas horas no quartel militar de Caxambu).

Essa correspondência deve ser considerada duplamente importante pois:

- os remetentes eram militantes, escritores ou pesquisadores conhecidos (hoje em dia quase todos falecidos);
- ilustram o conteúdo, muito mais impessoal, de circulares e de relatórios mimeografados.

Se o C.I.R.A.-Brasil tem uma data oficial de nascimento muito exata, um certo trabalho de preparação tinha sido realizado com o envio da carta circular mencionada no primeiro parágrafo, que se torna então o primeiro dos documentos emitidos.

O papel utilizado na correspondência é o do C.I.R.A.-Internacional, isto é, da sede suíça, enquanto a data não é especificada e o cabeçalho indica vagamente “data do carimbo postal”. Pode-se presumir que o texto tenha sido concebido de maneira a poder ser utilizado ainda muito depois da data de sua redação e deveria servir como introdução ao C.I.R.A., em geral, e também como projeto de fundação de uma seção brasileira. A datação deveria ser estabelecida como janeiro de 1967, época de férias no Brasil durante a qual um professor teria mais tempo livre para dedicar a esse tipo de atividade. Na apresentação dizíamos logo que a militância no anarquismo não era uma pré-condição essencial para a adesão. Esta distinção, escrupulosamente respeitada, ditada por uma dupla preocupação de evitar perseguições policiais e a de tomar ao pé da letra os estatutos do C.I.R.A.-Internacional (à redação dos quais eu tinha participado) garantia a objetividade científica. Examinando a lista dos inscritos ao C.I.R.A.-Suíça, perceber-se-á que entre os primeiros cinquenta nomes a metade corresponde a não militantes; tratava-se de amigos pessoais, de pesquisadores, de simpatizantes, que não compartilhavam a causa do anarquismo (alguns tornaram-se anarquistas por “contágio” enquanto outros desinteressaram-se pelo C.I.R.A. desde o momento em que eu não estive mais presente para estimulá-los).

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

O caso dos membros do C.I.R.A.-Brasil foi parecido: vários inscritos não se identificavam com as idéias anarquistas razão pela qual a lista deles permaneceu reservada e a polícia nunca a encontrou. Quando aconteceram as prisões, foram presos os anarquistas empenhados em outras atividades mais específicas, como as do Movimento Libertário Estudantil ou do C.E.P.J.O.³

Aos destinatários da circular nº 1 se propunham várias escolhas, além da adesão ao C.I.R.A.:

1. aos autores e editores se pedia para ofertar cópias de livros, revistas e jornais à biblioteca da Suíça para aumentar a coleção de língua portuguesa e também para que fossem recensadas no *Bulletin* ;
2. a gravação de palestras para a criação de um arquivo de história oral;
3. o envio de material iconográfico e manuscrito;
4. o levantamento de dados sobre coleções especializadas sobre anarquismo existentes em bibliotecas e arquivos públicos ou particulares para o estabelecimento de um fichário central para pesquisadores, etc.

Não foram encontradas outras cartas circulares, nem outros boletins do C.I.R.A.-Brasil depois desse documento até o relatório de atividades distribuído na assembléia de 10 de julho de 1969. Para ilustrar as atividades desenvolvidas entre o início de 1967 e meados de 1969, só podemos nos basear no documento nº 18 e sobre o arquivo da correspondência. Os dados que emergem podem, portanto, ser divididos em várias categorias:

Membros

Em 1º de julho de 1969, resultam inscritos 34 membros (entre os quais um “honorário” e dois que ainda não tinham formalizado a adesão por se encontrarem viajando ao exterior). Trata-se, à primeira vista, de um número limitado, mas temos que pensar na dificuldade de aceitar um “carnê” cheirando a anarquismo em plena ditadura militar. Além disso, não se tra-

tava somente de declarar seu nome (unicamente duas pessoas tinham escolhido um pseudônimo), mas também desempenhar tarefas de pesquisa ou outras. E, seja dito, para a honra da verdade, se olharmos de perto, sobre os 34, pelo menos 23 dos membros exerceram alguma atividade prática e útil. Temos, aliás, que sublinhar a colaboração de amigos próximos ou longínquos que, apesar de não terem aderido oficialmente ao C.I.R.A.-Brasil, nos ofereceram um auxílio precioso. Enfim, temos que notar que o C.I.R.A.-Brasil esteve presente só no Rio de Janeiro (com exceção de um membro em Caxambu e outro em São Paulo) devido à dificuldade de manter relações de correspondência seguras em regime de ditadura e de censura.

Correspondência

Foram mantidos contatos com os seguintes países: Alemanha, Argentina, Áustria, Bélgica, Canadá, Chile, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, Inglaterra, Israel, Itália, Japão, México, Peru, Suécia, Suíça, Uruguai. As cartas enviadas ou recebidas eram destinadas ou provinham de militantes anarquistas isolados, grupos e federações, ou de bibliotecas, institutos de pesquisa, universidades, sindicatos, arquivos, fundações, editores, autores, livrarias, etc.

Mencionemos alguns de nossos correspondentes: *Alliance Ouvrière Anarchiste* (França), *Centro de Acción Popular* (Montevideú), Charles Hochauer Harmony (Israel), *Circolo Camillo Berneri* (Florença), *Circolo Germinal* (Carrara), Clélia, viúva de Ugo Fedeli (Ivrea), Ernesta, viúva de Lato Latini (Florença), *Federación Anarquista Mexicana* (Cidade do México), *Federación Libertaria Argentina* (Buenos Aires), *Federazione Anarchica Italiana* (Napoli), *Freedom* (Londres), *Galart* (Peru), *L'Internazionale* (Ancona), *Movimento Operaio* (Milão), René Vienet (da Internacional Situacionista), Sir Herbert Read (Inglaterra), Trento Tagliaferri (Roma e Rio de Janeiro), *Umanità Nova* (Roma), etc.

Edição

Nossos projetos ambiciosos de edição faliram, pois nenhuma gráfica teria a coragem de realizar nosso programa. Colaboramos porém com a única editora abertamente anarquista ainda existente, a Editora Germinal do corajoso Prof. Roberto das Neves. Fomos intermediários para obter os direitos autorais de Daniel Guérin de seu livro *O Anarquismo* (que saiu com um prefácio do autor deste artigo e foi muito difundido). Alguns de nós cooperaram igualmente nas atividades da Editora “Mundo Livre” (que modestamente e silenciosamente reeditava alguns clássicos anarquistas) mas isso foi feito a título pessoal, entre militantes, sem envolver o C.I.R.A.

Enio Silveira nos pediu que interviéssemos junto ao Herbert Read para que ele autorizasse a Editora Civilização Brasileira a publicar em português algumas obras suas sobre anarquismo. O escritor inglês, que já aderira ao C.I.R.A.-Internacional a meu pedido, uns dez anos antes, nos colocou em contato com seu agente literário, porém a recrudescência da censura fez mudar de idéia o editor carioca.

O texto de um folheto que eu mesmo escrevi sobre a fundação do C.I.R.A. na Suíça foi traduzido em francês e enviado ao Centro de Lausanne, mas ficou inédito.

Um manuscrito meu sobre a “Bibliografia dos periódicos anarquistas de 1939 a 1965” foi confiscado ou destruído pela censura militar que sequestrou também as fichas contendo os dados individuais de cada publicação, bem como os documentos de comprovação (ou seja, milhares de originais de publicações internacionais em vários idiomas colocados em pastas individuais), documentos históricos raros e, em alguns casos, insubstituíveis (publicações clandestinas vindas da Espanha, Portugal, Iugoslávia, Argentina, Cuba, Bulgária, Suíça, etc.) números únicos, boletins internos e assim por diante.

Tampouco foi publicado um longo relatório (24 laudas formato almaço) que eu redigi sobre o Congresso Internacional das Federações Anarquistas de Carrara de 1968 (ilustrado

por fotografias e documentos que vários companheiros suíços, franceses e italianos, tinham me mandado) bem como outros artigos meus e de outros membros. Uns anos atrás encontrei um estudo empreendido pela doutora Regina Helena Machado (trinta anos depois não tinha perdido seu interesse) que foi publicado na revista lusitana *Utopia*, ano I, nº 1, pp. 72-83, com o título “Sacco e Vanzetti no Brasil. Presença e Ação da Literatura de Cordel”.

Redigimos também uma moção do C.I.R.A.-Brasil ao Congresso da C.R.I.F.A.⁴, de Carrara (agosto de 1968) que foi registrada nas atas.

Traduções

Além das versões italiana, portuguesa e esperanto dos estatutos do C.I.R.A.-Internacional, o C.I.R.A.-Brasil, que dispunha da ajuda voluntária de vários membros e simpatizantes competentes, traduziu vários artigos e documentos para a imprensa anarquista de língua portuguesa. Entre eles: “Silhuetas israelianas” do francês, para *O Dealbar* de São Paulo; documentação para os livros de Edgar Rodrigues (do italiano), materiais variados para a Editora Germinal, apelo de Daniel Guérin em solidariedade com Octavio Alberola ameaçado de expulsão da Bélgica (do francês), apelo de Carlos M. Rama em solidariedade a José Peirats ameaçado de expulsão da França (do espanhol), Declaração Comum Libertária Continental Americana do Movimento Libertário Cubano no Exílio (do espanhol), definição do verbete “Anarquismo” da *Enciclopédia Soviética*, (do russo) etc.

Entrevistas

Uma entrevista concedida ao diário carioca *O Globo* com o título “Ferrua: Anarquismo atua e progride no mundo moderno” saiu na segunda página da edição de 5 de julho de 1968.

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

Dois entrevistas com um jornalista do diário carioca *O Paiz*, Paulo Sterlinck, que foram suprimidas pelo redator-chefe do jornal “por serem demais comprometedoras”.

Uma entrevista com Carlos M. Rama foi parcialmente reproduzida no número de 15 de julho de 1968, na página 3 de *O Paiz*. Permaneceram as considerações dele sobre a situação econômica no Uruguai, mas foi passada sob silêncio a participação dele no curso sobre anarquismo no Teatro Carioca do Rio de Janeiro, naquela mesma semana.

Biblioteca-arquivo

A coleção iniciada no Rio de Janeiro, nunca superou uma centena de volumes. Quando do fechamento do C.I.R.A.-Brasil esses livros foram despachados para a biblioteca suíça.

Os companheiros portugueses nos assinalaram a existência de uma coleção importante de documentação anarquista reunida pelo militante Pinto Quartim. Avisamos o C.I.R.A. na Suíça sugerindo que intervissem a Biblioteca Nacional Helvética de Berna e se usasse a mala diplomática da Embaixada da Suíça em Portugal, porém ficamos decepcionados ao saber que a recuperação desse arquivo não aconteceu.

Mais importante ainda foi a doação do Arquivo de Edgar Leuenroth que visava sobretudo evitar a possível destruição do acervo por parte da ditadura militar. Naquela altura o militante paulista, membro do C.I.R.A., faleceu, mas a confirmação da doação me foi dada pessoalmente pelo filho Germinal — então militante ativo — por ocasião do último encontro que tive com ele em São Paulo, em novembro de 1969, poucas semanas depois das prisões dos membros do C.E.P.J.O. no Rio de Janeiro e poucas semanas antes de minha saída para o exílio americano. Escrevi às responsáveis pelo C.I.R.A. na Suíça e formulei a mesma proposta que já tinha feito em relação aos arquivos portugueses. A operação, por alguma razão, não se realizou. Felizmente, porém, os arquivos não foram destruídos nem extraviados. Após várias vicissitudes alguns foram vendidos a um pesquisador americano (diz-se

que eram duplicatas, mas isso nunca foi conferido) que os utilizou para escrever um livro⁵ muito tendencioso sobre o movimento operário e anarquista no Brasil, que foi violentamente criticado por Edgar Rodrigues numa resenha muito pormenorizada.⁶ Parte da coleção foi cedida à Universidade de Campinas (onde parece que as obras foram catalogadas e postas à disposição dos pesquisadores, o que explica, pelo menos parcialmente, a abundância de teses de mestrado e de doutorado, sobre assuntos ligados ao anarquismo (em particular) e ao movimento trabalhador brasileiro (em geral), sobrevindas no Brasil durante os últimos quinze anos e outra parte foi confiada a um comitê de militantes e guardada em lugar privado e seguro, à disposição do movimento anarquista.

Segui as vicissitudes desse arquivo, primeiro por correspondência, como representante do Movimento Libertário do Rio de Janeiro no exílio, e mais adiante, no decorrer de minhas visitas ao Brasil, depois de quinze anos de ausência. Desapareceram, infelizmente, Jaime Cubero, Ideal Peres e também o companheiro espanhol que tomava conta fisicamente dos arquivos. Entre os membros responsáveis só está vivo Edgar Rodrigues, mas provavelmente os outros foram substituídos.⁷

Outro fundo de documentação muito importante do qual o C.I.R.A.-Brasil se ocupou, foi o Arquivo da Biblioteca Anarquista Internacional Americana (conhecido sob o nome de B.A.I.A.) de Montevidéu. Quando, em novembro de 1969 fui à capital uruguaia, eu acabava de ter sido solto pela polícia da ditadura militar brasileira e temia estar sendo vigiado também naquela cidade que estava cheia de espões devido à presença do ex-presidente “Jango”, que ali vivia em exílio. Os anarquistas com os quais falei pelo telefone não tinham porém nenhum receio em me encontrar e assim combinei de ver as pessoas separadamente. Estive com Luce Fabbri, Eugen Relgis, os companheiros da Comunidad del Sur (que convidaram todos os anarquistas brasileiros, recém presos e que estavam sendo libertados provisoriamente, à espera do processo, a se exilarem nos locais da comunidade com

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

as respectivas famílias), Carlos Rama e sua companheira Judith Dellepiane e alguns militantes da Federação Anarquista Uruguiaia, cindida em duas facções, uma das quais prócastristas. Tive a oportunidade de ver algumas de suas publicações clandestinas, entre as quais a bela revista *Rojo y Negro* bem como o diário da F.A.U., que a esposa do Rama difundia entre os médicos do hospital no qual exercia suas funções profissionais. Não a levei na volta ao Brasil (onde voltei apesar da opinião contrária dos companheiros uruguaiois, pois eu temia que os membros de minha família pudessem ser presos como reféns em meu lugar) aquelas publicações preciosas, com medo que me fossem sequestradas na chegada no aeroporto.

Em Montevidéu me disseram também que Abraham Guillén (que talvez tenha conhecido na França nos anos 40 com outro nome) e Gerardo Gatti poderiam me dar notícias dos arquivos da B.A.I.A., mas não consegui localizar essas pessoas. Cochichava-se que teriam entrado na clandestinidade, fariam parte de uma guerrilha urbana ou talvez estivessem presos incomunicáveis. Alguém se lembrou do último endereço e me acompanhou até lá mas as portas estavam lacradas. Foi o terceiro e último fracasso na tentativa de recuperar e salvar arquivos.

Palestras

Eu mesmo pronunciei três palestras sobre a fundação e o funcionamento do C.I.R.A.-Internacional, respetivamente no Rio de Janeiro (na sede do Centro de Estudos Professor José Oiticica), em Buenos Aires (na sede da Federação Libertária Argentina) e em São Paulo (na sede do Centro de Cultura Social). Sobre o mesmo assunto me entretive com os companheiros do Grupo Libertário de Mar del Plata (Argentina), da Casa Editorial Proyección (Buenos Aires) e em Montevidéu, nos grupos *Solidaridad del Sur*, *Solidaridad*, *Federación Anarquista Uruguaya*.

Roberto das Neves apresentou um relatório, muito entusiástico, de sua viagem a Lausanne em visita ao C.I.R.A.

Visitas

Alguns membros do C.I.R.A.-Brasil visitaram a sede suíça. Além de Roberto das Neves, aí estiveram também Valdecir Palhares e Regina Helena Machado. Rosa Maria de Freire Aguiar visitou os arquivos de Edgar Leuenroth em São Paulo e escreveu sobre essa visita um artigo de que não temos cópia, talvez para a revista semanal *Manchete* para a qual colaborava e da qual se tornou correspondente parisiense durante vários anos.

Eu mesmo encontrei alguns membros de honra do C.I.R.A.-Internacional, como Diego Abad de Santillán (em Buenos Aires) e Eugen Relgis (em Montevideu) enquanto que outros estiveram conosco no Rio de Janeiro: Helmut Rüdiger (que veio da Suécia) e Carlos M. Rama (do Uruguai).

Curso “Alguns Aspectos Históricos do Anarquismo”

Talvez tenha sido a atividade pública que tenha suscitado o maior interesse e colhido de surpresa os ambientes universitários, a opinião pública, bem como os serviços de polícia. Tratou-se de um desafio aberto à ditadura, pois o rótulo “anarquismo” reaparecia abertamente e com bastante evidência em um cartaz de grandes dimensões afixado nos quadros murais de todas as faculdades universitárias e das escolas particulares mais importantes do Rio de Janeiro. O diretor e dono do diário *Jornal do Brasil*, Manoel do Nascimento Britto (a quem eu dava aulas de francês e que, geralmente era muito prestativo comigo) previu que eu acabaria preso. Isso de fato aconteceu, mas somente um ano depois de acabar o curso. Os próprios policiais, quando me interrogaram, tiveram que admitir que tínhamos agido inteligentemente pois não tinham encontrado nenhum motivo para interromper uma série de aulas históricas. Contentaram-se em providenciar que uma dupla de agentes se inscrevesse no curso, os quais admitiram em seus relatórios que não conseguiram entender o que nós queríamos em realidade, pois:

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

1. nunca falávamos do Brasil;
2. criticávamos as ditaduras da direita mas também as da esquerda;
3. nos mantínhamos num nível acadêmico (as revoluções que discutíamos eram as do passado: a Comuna de Paris de 1871, a primeira Revolução Russa de 1905 e a segunda de 1917, a Revolução Mexicana de 1910-11, a Revolução Espanhola de 1936-39).

Examinamos também assuntos contemporâneos, como as revoltas dos estudantes na Europa: o Maio de 68 em Paris e também seu equivalente em Praga.

Nossos “inspetores” estavam confusos e quando um dos “provocadores” formulou a objeção de que todos os oradores (houve quatro durante a série) só aludiam às revoltas do passado ou acontecimentos sobrevividos em outras latitudes e quis saber o que o conferencista do dia pensava da viabilidade de uma revolução no Brasil atual. O caso se deu que o orador fosse o músico americano John Cage, o qual respondeu que a primeira revolução no Brasil seria a de reconstruir o sistema telefônico. Inicialmente o curso tinha sido anunciado sob minha única responsabilidade, pois eu podia aproveitar de minha condição de professor estrangeiro (ninguém mencionou que eu tinha me naturalizado cidadão brasileiro dois anos antes) com a “cobertura” do C.I.R.A. suíço. Na última hora (os cartazes já tinham sido impressos e distribuídos) o militante anarquista, hoje infelizmente desaparecido, Doutor Ideal Peres, ofereceu-se como voluntário para tratar do assunto dos anarquistas na Revolução Russa. Quando o curso já tinha começado chegaram ao Rio, em semanas diferentes, duas grandes personalidades anarquistas internacionais, o sociólogo e historiador Carlos M. Rama (fazia parte do Comitê Internacional do C.I.R.A. e já tinha feito uma palestra para nós em Genebra em época anterior) que nos falou admiravelmente dos anarquistas durante a Revolução Espanhola e, como dissemos há pouco, o compositor John Cage, que se ofereceu para falar sobre Henri David Thoreau e a desobediência civil.

Ao curso colaboraram também outras personalidades locais, como o historiador do anarquismo luso-brasileiro, Edgar Rodrigues (que providenciou muita documentação) e o Professor Daniel Brillhante de Brito (que traduziu do russo vários verbetes enciclopédicos). Nos bastidores, modesta, porém eficazmente, contribuíram à organização geral do curso (cuidando de problemas práticos como: datilografia, inscrições, publicidade, transporte de oradores, etc.) as então estudantes Regina Helena Machado (que depois obteve doutorado na Universidade de Toulouse) e Rosa Maria de Freire Aguiar (hoje grande tradutora e diretora da Fundação Celso Furtado), Jacques Kalbourian (hoje pintor de renome) além de pessoas que preferiram permanecer incógnitas. Amigos, companheiros, grupos e instituições estrangeiras nos mandaram documentação: Marco Smeraldi (Florença), Movimento Libertário Cubano no Exílio (Miami), C.I.R.A.-Lausanne, C.I.R.A.-Marseille, Federação Anarquista Mexicana e Grupo Tierra y Libertad (Cidade do México), Comissão de Relações das Federações Anarquistas, André Bernard, Antonio Téllez e Daniel Guérin (Paris), Edgar Leuenroth (São Paulo) etc.

Pesquisas bibliográficas

Aos membros que tinham a oportunidade de viajar se pedia que visitassem as bibliotecas locais e fizessem um levantamento do material de interesse anarquista existente nas coleções. Isso foi feito na Biblioteca Municipal de Salvador (Bahia), na de São Paulo, no Arquivo Mineiro de Belo Horizonte e, naturalmente, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. As fichas, infelizmente, foram confiscadas e jamais devolvidas.

Prisões e processo

As prisões ocorreram durante o mês de outubro de 1969, isto é, um ano após a conclusão do curso no Teatro Carioca. Estava previsto e cada um de nós tinha se preparado para isso (pelo menos, foi assim que pensávamos). Um colaborador e

amigo, Gilberto Ballalai, tinha sido preso e muitas perguntas lhe foram feitas sobre mim. Aconteceu o mesmo com outros: meu dia se aproximava. Nos primeiros dias do mês de outubro o Roberto das Neves, que pertencia a uma loja maçônica, tinha sabido que haveria uma incursão nos ambientes ligados ao anarquismo e nos avisou por intermédio do genro. Alguns de nós se reuniram e estabeleceram que, não sendo possível que a maioria pudesse deixar o país (quase todos os suspeitos tinham uma família que não queriam abandonar), devíamos salvar o que era possível. Um companheiro empreiteiro de obras fez construir um esconderijo especial onde foi preservada uma documentação importante (que ainda existe). Cada um de nós teria que cuidar dos arquivos pessoais. As precauções que adotei foram desafortunadamente as piores: dividi tudo por três e deixei uma terceira parte em casa (teria sido muito suspeito se eles não encontrassem nada) outro terço coloquei na casa de uma estudante insuspeitável (mas não tomamos em consideração a curiosidade de uma empregada nem o medo de um marido apreensivo o que levou a uma destruição deliberada) e um terço na casa de vilarejo de minha sogra (a qual tentou despachar meu material para os Estados Unidos), 15 pacotes de impressos e manuscritos registrados, cada um de cinco quilos, que foram apreendidos na repartição postal de Caxambu (Minas Gerais) pela Polícia Militar. D. Blanca Lobo Filho, aliás, foi presa e interrogada durante várias horas e conseguiu se sair da encrenca só por ser doutora, professora universitária nos Estados Unidos e não compartilhar de minhas idéias. De fato ela era totalmente inocente e só queria me fazer um favor. Protestei junto à Convenção Postal Universal de Berna, porém de nada valeu. Nunca recuperei nada.

Minha prisão ocorreu no Dia dos Professores, 15 de outubro de 1969. Fui levado ao Quartel Geral da Aeronáutica Militar no Galeão, junto com o Professor Roberto das Neves. Os outros foram presos em dias diferentes resultando num total de dezesseis militantes, todos anarquistas menos um. A acusação era de atividades subversivas, de complô contra o governo, de fabricação de explosivos, de formação de guerrilhas, de financiamentos ilícitos de proveniência estrangeira e assim por diante.

O ato de acusação está transcrito na seção de documentos.

O tratamento no quartel da Aeronáutica Militar foi diferente para cada um de nós. Sem que nós o soubéssemos, foram torturados três jovens cujas respostas não soavam – e, talvez, de fato não fossem – sinceras.

Pessoalmente gozei de um serviço de “luxo” pois o regulamento militar previa que os detentores de algum diploma universitário tivessem direito a refeições e alojamento ao nível de oficiais. Dormi com colchão e comi bem. Roberto das Neves era vegetariano e tentou converter à dieta macrobiótica um policial que sofria de distúrbios gástricos (só depois soubemos que ele era o torturador).

O coronel que nos interrogava, às vezes juntos e às vezes separadamente, não entendia porque todos os “subversivos” sob inquérito negavam tudo, até a evidência, enquanto que nós anarquistas não só admitíamos tudo (ou quase), mas até nos gabávamos de nosso comportamento. Os detalhes interessantes da instrução e do processo são demasiados para poderem ser reproduzidos aqui e quem estiver interessado poderá consultar o volume que Edgar Rodrigues dedicou ao assunto em *Os anarquistas no banco dos réus*.

A parte que diz respeito ao C.I.R.A. merece algum esclarecimento: eu era acusado de ser um agente estrangeiro (a serviço de uma hipotética revolução internacional) que “financiava” atividades subversivas no Brasil com fundos suíços.

Foi muito fácil desmontar esse achado dos serviços secretos. Houve, sim, algumas transferência de fundos, mas, ironicamente (será que as autoridades suíças, que ainda me vigiavam, pensavam que eu estava alimentando uma revolução na Suíça com dinheiro brasileiro?) em sentido oposto (uma percentagem do dinheiro cobrado para a inscrição ao C.I.R.A.-Brasil era paga à sede suíça). As importâncias eram tão insignificantes (uma dúzia de dólares) que as responsáveis de Lausanne tinham sugerido que em vez de mandar dinheiro comprássemos e despachássemos para eles livros de interesse anarquista em língua portuguesa.

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

Minhas viagens “subversivas” no exterior, em vários países da América Latina, foram também fáceis de explicar devido a meu trabalho de intérprete a serviço de entes tão subversivos como a Organização dos Estados Americanos (O.E.A.), da qual o Brasil fazia parte, ou o Serviço do Cerimonial do próprio Ministério de Negócios Exteriores do Brasil. Ficaram um pouco perplexos, mas afinal, divertiram-se às pampas com o estratagem, por mim excogitado, para colocar meu nariz em lugares e situações indevidos (manifestações estudantis, delegacias de polícia, ministérios) exibindo um cartãozinho do Ministério que pedia às autoridades que me deixassem circular livremente. Esse documento deveria ser válido só para um dia específico ou um período bem delimitado, mas eu o tinha dobrado de maneira que a carteira plástica não deixasse transparecer as datas e pudesse ser considerado válido em um controle superficial limitado às assinaturas e aos carimbos. Ninguém nunca tinha me contestado esse documento até então.

O terreno suspeito de treinamento para guerrilheiros, adquirido coletivamente pelo Movimento Libertário Brasileiro, correspondia a uma modesta fazenda destinada à agricultura biológica e à criação de uma comunidade autogerida, a uma meta quase turística de descanso e reflexão e a um lugar para palestras e reuniões entre companheiros (os anarquistas paulistanos tinham feito o mesmo com a “Nossa Chácara” em Moji das Cruzes).

Sobre esse assunto o C.I.R.A. não tinha nada a ver; só eu, a título pessoal contribuí financeiramente com o “Nosso Sítio”; contribuição muito modesta e só financeira, pois eu nunca pisei naquele terreno. Os militares, depois de tê-lo sobrevoado com seus helicópteros, antes, e esquadrinhado de perto, tintim por tintim, não encontraram nenhum traço de guerrilheiros nem de armas.

Permanecia a acusação mais grave, a fabricação de explosivos, explicada no manual *Acção Directa*. Este folheto fora publicado por Roberto das Neves, a pedido do general português Humberto Delgado (a quem eu tinha sido apresentado uns anos antes na sede da Editora Germinal). A publicação era destinada à luta em Portugal contra a ditadura de Salazar

e foi fácil convencer os militares nesse sentido por três razões essenciais:

1. Ortografia, gramática e sintaxe eram lusitanas e não brasileiras;
2. havia sido impresso “antes” do advento do governo militar no Brasil;
3. todos os interessados que o conheciam admitiram tê-lo possuído ou visto e as respostas sempre combinavam com as do editor que, na verdade, assumiu a responsabilidade de tê-lo impresso e distribuído ele mesmo, bem como dado de presente a cada um de nós.

Fomos soltos depois de três ou quatro dias, alguns só depois de um mês, porém fomos todos denunciados. O trâmite do processo demorou muito, mas ao final fomos todos absolvidos. O Procurador apelou, pois as “leis excepcionais” o exigiam. Passaram-se ainda uns anos e o veredicto foi a nosso favor.

As atividades do C.I.R.A.-Brasil se confundem parcialmente com as do Movimento Libertário Brasileiro (do qual me tornei representante no exterior entre 1970 e 1985) e cessaram oficialmente com o fechamento da sede do C.I.R.A.-Brasil e do C.E.P.J.O., em fins de 1969 e são pouco conhecidas pelas novas gerações de anarquistas cariocas. Isso se tornou evidente em agosto de 1992, no encontro “Outros 500” organizado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,⁸ um curso no qual, devido à ausência do delegado carioca Ideal Peres, incumbiu-me a tarefa de tomar a palavra e narrar, para um público desinformado (os presentes tinham aderido ao movimento anarquista depois de 1969 ou como no caso de algumas pessoas idosas, que já tinham militado antes, mas que eram oriundas de regiões em que aconteceram coisas diferentes) fatos daquela época, mais tarde documentado por Edgar Rodrigues no livro acima mencionado e, no que diz respeito ao C.I.R.A., com algumas lacunas inevitáveis que vamos preencher com os documentos apontados. O discurso, porém, permanece aberto.

Pietro Ferrua

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

P.S.: Este ensaio sobre o C.I.R.A.-Brasil pode ser considerado como artigo em si mas também como um capítulo comum a dois livros, parcialmente inéditos.

O primeiro trata da história de todos os C.I.R.A.s., e foi em parte publicado pela *Rivista Storica dell'Anarchismo* (Pisa, Itália). Assinados por mim saíram os artigos seguintes:

“Appunti per una cronistoria del Centro Internazionale di Ricerche sull'Anarchismo” ano 7, nº 2 (julho-dezembro de 2000) 88-108.;

“La breve esistenza della Sezione Brasiliana del Centro Internazionale di Ricerche sull'Anarchismo” ano 8, nº 1 (janeiro-junho de 2001) 51-60.;

“La Sezione del C.I.R.A. in Giappone” ano XI, nº 1 (janeiro-junho de 2004), 127-131.

Outros artigos da série foram:

Marie-Christine Mikhaïlo: “Cronache del periodo d'oro del C.I.R.A.” ano 9, nº 2 (julho-dezembro de 2002) 89-93.

René Bianco, antes de falecer, chegou a escrever um artigo sobre a fundação e o desenvolvimento do C.I.R.A.-Marseille, em colaboração com Felip Equis, destinado à mesma revista que, porém, cessou suas publicações.

Faltavam ainda dois artigos a essa série: um de Marianne Enckell em continuação ao que sua mãe escreveu e um meu, sobre o “C.I.R.A. virtual”. Quem sabe, algum dia.

O segundo livro programado, do qual o presente artigo seria apenas um capítulo, é aquele dedicado à “Atividade do Movimento Libertário do Rio de Janeiro durante a ditadura militar” e que deve ser precedido e seguido por: “A fundação da Liga dos Direitos Humanos” (por Lícia do Prado Valladares e eu mesmo), “O funcionamento do C.E.P.J.O. até as prisões e o fechamento”, o Movimento Libertário Estudantil, as visitas de personalidades estrangeiras, o congresso clandestino,

o Centro Brasileiro de Estudos Internacionais, as atas do processo, etc.

Lista de documentos

- Circular nº 1 do núcleo preparatório da seção brasileira do C.I.R.A. (1967).
- Convocatória para a palestra de 23/01/1968.
- Cópia de uma carta do membro Roberto das Neves em visita ao C.I.R.A. na Suíça.
- Cópia do prefácio ao livro do Daniel Guérin, *O Anarquismo*.
- Estatutos do C.I.R.A. em português.
- Estatutos do C.I.R.A. em esperanto.
- Circular nº 2 de 12/06/1968.
- Cópia de um artigo no diário *O Globo*, de 05/07/1968.
- Cópia de um artigo no diário *Última Hora* de 06/07/1968.
- Cartaz sobre o curso: Aspectos históricos do anarquismo.
- Série de bibliografias distribuídas aos discentes do curso: a), b), c), d).
- Palestra do Prof. Carlos M. Rama em 13/07/1968.
- Entrevista de Carlos M. Rama a *O Paiz*, em 15/07/1968.
- Cópia de um artigo do *Jornal do Brasil* de 20/07/1968 anunciando nosso curso.
- John Cage. Sobre a palestra de John Cage publiquei um artigo em *Verve*, São Paulo, 2003, v. 4, pp. 20-31.
- Outro artigo sobre o mesmo assunto: "O 'testamento anarquista' de John Cage", em *Verve*, São Paulo, 2004, v. 5, pp. 219-229.
- Temário da primeira Assembléia Geral do C.I.R.A.-Brasil em 30/07/1969.
- Sugestões para o futuro do C.I.R.A.-Brasil em vista da Assembléia Geral.

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

- Relatório de atividades do C.I.R.A.-Brasil entre julho de 1967 e julho de 1969.
- Atas da Assembléia Geral de 30/07/1969.
- Pesquisa: Sacco e Vanzetti no Brasil, por Regina Helena Machado.
- Ordem de bloqueio da Caixa Postal do C.I.R.A.
- Auto de Busca, Apreensão e Prisão.
- Termos de Perguntas ao Indiciado.
- Denúncia do Procurador da Justiça Militar.
- Carta do Ideal Peres.
- Mandado de Citação da Primeira Auditoria da Aeronáutica.
- Sentença.
- Recorte do *Jornal do Brasil* de 02/12/1971 sobre a absolvição dos anarquistas.
- Apêndice: Documento nº 10 acima mencionado.

DOCUMENTO 1

Circular nº 1 de 1967

Centre International de Recherches sur l'Anarchisme

Rio de Janeiro, data do carimbo postal.

Prezados Senhores,

Ocorre neste ano o décimo aniversário da fundação do Centro Internacional de Pesquisas sobre o Anarquismo (C.I.R.A.) que funciona na Suíça desde 1957. Nessa ocasião pensamos iniciar uma campanha pró novos membros, que seria feita simultaneamente em várias línguas e continentes. A adesão ao C.I.R.A. não implica em absoluto em adesão às doutrinas anarquistas, como especificam os estatutos reproduzidos em folhas anexas. O C.I.R.A. é portanto um organismo de estudos "sobre" e não "para" o anarquismo. Fundado por anarquistas, conta no entanto entre seus membros com pessoas de fé religiosa tais como católicos e protestantes e ou de crenças políticas, tais como marxistas ou liberais.

Colaboram com ele personalidades de todos os setores, ligadas apenas no interesse comum pela História Social, o Sindicalismo, as Doutrinas Políticas, as manifestações de Vanguarda. É comum estudantes de história, de sociologia, de filosofia consultarem os arquivos do C.I.R.A.; é frequente jornalistas, bibliógrafos e historiadores se dirigirem a seu serviço de consulta antes de redigirem artigos, teses de doutoramento, manuais de história moderna. Esse valioso trabalho, entretanto, não seria possível sem a cooperação financeira de membros esparsos no mundo inteiro e sem sua colaboração intelectual.

A presente circular se propõe não só divulgar as atividades do C.I.R.A. (estatutos em anexo, boletim à disposição) mas também a sondar o terreno para a fundação de uma eventual seção brasileira ou latino-americana no Rio de Janeiro.

Por isso além de convidarmos os destinatários a se inscreverem no C.I.R.A. (quota anual de NCr 7,00; inscrição vitalícia NCr 70,00), o que dá imediatamente direito a receber o cartão internacional de leitor da Biblioteca da Suíça, o catálogo desta, o serviço do Boletim, etc.), mas pedimos que digam se acham útil e viável a fundação de uma seção nacional (ou continental), com depósito de livros (como acontece com as filiais de Marselha e Paris), Boletim local (id.), caixa postal (que percentagem da quota deveria ser enviada à Suíça e retida aqui?) etc.

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

Independentemente da adesão pura e simples, há naturalmente mil outras maneiras de ajudar o C.I.R.A. eis alguns exemplos:

- envio de livros ou folhetos por parte de autores ou editores. O que tem sido feito assaz regularmente pelo Prof. Roberto das Neves da Editora Germinal; pelos senhores Edgar Rodrigues, Enio Cardoso, Venâncio Pastorini Sobrinho, Edgar Leuenroth e pela Editora Mundo Livre, graças aos quais foi inaugurada a seção de língua portuguesa. Lembre-se que as obras enviadas em um exemplar são catalogadas e podem ser consultadas, pelo serviço de empréstimo internacional, em cerca de trinta países. O envio de um segundo exemplar dá direito à crítica de livro no Boletim periódico. O dos demais exemplares permite ao C.I.R.A. alimentar as bibliotecas locais e as de outras entidades afins;
- envio regular de jornais anarquistas ou dirigidos por anarquistas sobre outros assuntos. Existem na Suíça coleções de *Ação Direta*, *O Libertário*, *Caderno de Questões Sociais*; de outras publicações de periodicidade efêmera e, atualmente, recebe *O Dealbar*;
- envio de recortes de imprensa de outros jornais sobre assuntos de interesse anarquista; de cartazes, manifestos, volantes, folhas de propaganda, editados por federações ou grupos locais;
- gravação sobre fita magnética de discursos, conferências ou palestras que tenham caráter histórico e científico e não sejam de pura e simples propaganda;
- cessão de velhas edições de livros e folhetins, velhos jornais, para a reconstituição da história do movimento anarquista numa cidade, região ou país. (O C.I.R.A. conseguiu reunir coleções originais, fotocópias ou microfilmes de jornais raríssimos por antiguidade ou de edição clandestina);
- cessão de correspondência e fotografias de militantes (o C.I.R.A. já possui cartas de Max Nettlau, Jean Grave, Luigi Bertoni, James Guillaume, Emile Armand, Ugo Fedeli, Sébastien Faure, Benito Mussolini, Lucien Descaves, Luigi Galleani, Nella Giacomelli, William Morris, Elisée Reclus e de muitos outros pensadores e militantes famosos);
- assinalação de vendas públicas em leilão ou no sebo de documentos importantes;

- compilação de uma lista de livros de interesse anarquista existentes na biblioteca municipal local;
- informação sobre a existência de museus, estátuas, ruas públicas ou edifícios que levam o nome de um pensador ou militante anarquista;
- ajuda sob forma de trabalho: datilografia, mimeografia, encadernação, redação de correspondência, de artigos, de críticas de livros, etc., compilação de fichas bibliográficas, fotocópia-gem, traduções, catalogação, etc.;
- oferta de material de escritório, etc.;

Acolhendo este apelo contribuirão ao adiantamento da História do Anarquismo, da História dos Movimentos Sociais e Operários, da Ciência, em suma. Não esqueçam que há forças poderosas que tentam destruir os documentos sobre as origens dos movimentos de reivindicação social ou de fazê-los desaparecer. Isto aconteceu em vários países e no próprio Brasil as bibliotecas públicas possuem pouco ou nada sobre a História Social do país. Ao historiador que aparecer daqui a vinte ou cinquenta anos e que quiser escrever a crônica das lutas populares no Brasil, poderá parecer que esta começa só depois da Revolução Russa ou do Estado Novo, tão bem este conseguiu cortar o cordão umbilical que ligava o movimento operário à pregação e à ação dos militantes da Primeira Internacional. Quem se lembraria das publicações socialistas do Recife de 1852-56, da pululação de jornais anarquistas em São Paulo no fim do século e do Sindicato dos Fogueiros e Estivadores de 1903 que tanto fizeram para a formação da consciência sindical no litoral brasileiro, não fossem alguns exemplares existentes em bibliotecas européias?

A vida atormentada dos militantes e as perseguições sob vários governos acabaram com a maior parte dos documentos indispensáveis para escrever a história do pensamento social. Procurar em qualquer recanto do mundo estes fragmentos de história, recompô-los, salvá-los e disponibilizá-los para estudiosos, em lugar seguro contra todas as tempestades políticas como é a Suíça, tem sido, é e será a obra do C.I.R.A. à qual esperamos que cada um queira dar uma contribuição.

Pelo C.I.R.A.

Pietro Ferrua

fundador e responsável até fins de 1962

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

Correspondência:
Caixa Postal 119
Copacabana ZC — 07 Guanabara

DOCUMENTO 2

Convocatória para uma palestra

Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1968

O convite datilografado sobre papel impresso do Centre International de Recherches sur l'Anarchisme é dirigido:

Aos membros residentes nesta cidade

Texto:

CONVITE

6a feira, dia 26 de janeiro de 1968, às 21 horas, na sala do Centro de Estudos Professor José Oiticica. Avenida Almirante Barroso nº 6, sala 1101, (11º andar) para uma palestra sobre:

História e Atividades do C.I.R.A na Suíça, 1957-1967.

O C.I.R.A. Pietro Ferrua

Nota: O texto da palestra não está disponível atualmente. O original foi mandado para Lausanne. O texto nunca foi publicado e foi extraviado. O conferencista não se lembra se leu o texto preparado para ser publicado (o que não aconteceu) ou se improvisou. Um texto parecido, mas não igual, foi publicado muito mais tarde em italiano (em *Rivista Storica dell'Anarchismo*. Pisa, Itália) "Appunti per una cronistoria del Centro Internazionale di Ricerche sull'Anarchismo", ano 7, nº 2 (julho-dezembro de 2000) pp. 88-108.

DOCUMENTO 3

Carta do membro Roberto das Neves de Lausanne na data de 7/04/1968

Neves ficou alguns dias hospedado na 24, Avenue de Beaumont. Não foi ainda possível datar a visita de outros membros brasileiros do C.I.R.A., tais como Regina Helena Machado e Valdecir Palhares, que visitaram os arquivos e expressaram sua satisfação.

Texto da carta do Prof. Roberto das Neves

Lausanne, 7 de Abril de 1968

Meu caro Pietro Ferrua,

Eis-me em Lausanne, aonde cheguei anteontem, após emocionante viagem através de Itália, Romênia, Bulgária, Iugoslávia, Áustria, Alemanha, Suíça. Estou hospedado, como imaginas, em casa dos nossos ultrasimpáticos camaradas Maria Christina Mikhailov, que me receberam o mais fraternalmente possível.

Com exceção daqui e da Romênia, por toda a parte, nas ruas e em casas de amigos, só falei esperanto. Foi uma experiência altamente interessante, que vos contarei aí, à minha chegada, e em livros que pretendo escrever. Estou oficialmente convidado pelos esperantistas a voltar, no próximo ano, à Bulgária (onde colherei notas para um livro intitulado "Bulgario paradiso de esperantisto") e à Polônia. Queriam que ali ficasse um mês em cada um daqueles países, à sua custa, para poder visitar todo o interior, com automóvel a minha disposição, mas não me foi possível aceitar tal proposta devido a problemas que reclamam meu regresso aí.

Na quarta-feira 10, pela manhã tomarei em Genève o avião da "Air France" para Paris, onde ficarei uns quinze dias. Depois, de novo para o Rio.

Li nos jornais o que aí se passou com os estudantes. Faço voto para que nenhum dos nossos tenha sofrido.

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

Além das numerosas e fortes emoções que por toda a parte me foi dado receber, tive a oportunidade de encontrar aqui no C.I.R.A., os meus livros.

Maria Christine escrever-te-a por estes dias.

Até breve! Saudações a todos os nossos e para ti e os teus o meu fraternal abraço

Teu

Roberto das Neves

O envelope leva o carimbo postal de dia 8 de abril de 1968.

Comentário: A urgência da volta ao Brasil manifestada por Roberto na carta acima era devida, por um lado, a graves problemas de família, e por outro, ao grande e corajoso projeto de publicar um livro abertamente anarquista durante a ditadura militar.

Antes de sua partida para a Europa, Neves pedira-me que obtivesse a autorização de Guérin, o que eu fiz sem dificuldade. O editor fez questão de pagar os direitos autorais e o autor ficou satisfeito com um adiantamento simbólico. Roberto insistira também para que eu aceitasse uma remuneração para redigir o prefácio. Ele não queria em absoluto explorar o trabalho dos companheiros.

Enquanto ele estava viajando pela Europa o genro dele, Manuel Pedroso, estava traduzindo o ensaio de Guérin e eu preparando a introdução. O livro saiu em setembro (de 1968) mas as livrarias comerciais não ousavam expô-lo. O editor resolveu então vendê-lo ao público ele mesmo e aproveitou uma Feira do Livro que estava se realizando em Niterói.

Os acontecimentos na França, na Tchecoslováquia, a publicidade de nosso curso no Teatro Carioca, artigos no *Jornal do Brasil*, a propaganda do Movimento Estudantil Libertário tudo contribuiu a criar um clima favorável à difusão do anarquismo no Rio de Janeiro. A edição prevista pela Editôra Germinal esgotou rapidamente.

DOCUMENTO 4

Prefácio ao livro: O Anarquismo da Doutrina à Ação, de Daniel Guérin

Rio de Janeiro, *Germinal*, 1968, pp., 179, encomendado ao C.I.R.A.-Brasil pelo Prof. Roberto das Neves e assinado por Pietro Ferrua.

Daniel Guérin: O homem, o militante, o escritor.

Por Pietro Ferrua (Diretor-Fundador do Centro Internacional de Pesquisas sobre o Anarquismo)

Daniel Guérin nasceu em Paris a 19 de maio de 1904, em uma família burguesa, que lhe assegurou uma educação católica, da qual, como ele salienta em suas memórias (*Un jeune homme excentrique*, Julliard, 1965), custaria a libertar-se.

Após uma juventude aventureosa, durante a qual percorre vários países e se inicia nas letras com poesias de algum talento (*Le livre de la dix-huitième année*, Albin Michel, 1922) e dois romances que não tiveram grande repercussão literária (*L'enchantement du Vendredi Saint*, 1925, e *La vie selon la chair*, 1922, ed. Albin Michel), torna-se, por volta de 1930, militante sindicalista e socialista, aderindo à S.F.I.O.⁹ Conheceu então Léon Blum e Leon Trotsky, dos quais, o segundo o fascinou pela sua lucidez, mas de quem se afasta por seu sectarismo. Visita a Itália e a Alemanha pré-nazista e revela-se um agudo analista do perigo totalitário, ao denunciar numa reportagem, em 1933 (*La peste brune a passé par là*) a ascensão do 3º Reich, que ele estudará, mais tarde, em suas causas e consequências deletérias (*Fascisme et grand capital: Italie-Allemagne*, 1936).

A partir de então, Daniel Guérin abraça todas as causas dos humildes e perseguidos, sejam eles os negros americanos (*Où va le peuple américain?*, 1950; *Décolonisation du Noir Américain*, 1963, e *Pouvoir Noir*, 1967) ou os argelinos lutando por sua independência, nos anos 50, e de novo, nos últimos anos, após o golpe militarista; condena o colonialismo (*Au service des colonisés*, 1954; *Les Antilles décolonisées*, 1956; assina o famoso "Manifesto dos 121", funda o "Mouvement Laïque des Auberges de Jeunesse", é secretário sindical e participa de todas as lutas políticas da esquerda francesa, dentro e fora do país, com verdadeiro espírito universalista.

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

Publicou, além disso, dois livros de sexologia, defendendo a plena liberdade sexual da juventude e considerando o erotismo como um dos instrumentos da liberdade, em *Kinsey et la sexualité* (Julliard, 1955); e em *Shakespeare et Gide en Correctionnelle* (Scorpion, 1959) realizará uma interpretação homossexual dos famosos sonetos de Shakespeare. Homem de teatro (foi, durante algum tempo, co-diretor do “Théâtre des Nations”), adaptou à cena o *Vautrin* de Balzac, e *Le grain sous la neige*, do italiano Ignazio Silone (estreado no Teatro Popular Mundial a 1º de fevereiro de 1961) peça à qual deu uma conotação libertária. No campo histórico, Guérin se impôs com um extraordinário ensaio sobre a Revolução Francesa (*La lutte des classes sous la Première République, 1793-1797*, Gallimard, 1946), que lhe valeu elogios de historiadores profissionais e de Sartre, que chegou a considerá-la como a mais válida das interpretações marxistas, e que atraiu, pela primeira vez, a atenção dos anarquistas sobre sua obra.

Minhas relações com Daniel Guérin datam de cerca de dez anos. Dirigi eu o Centre International de Recherches sur l’Anarchisme, em Genebra, quando ele me escreveu pedindo informações sobre a situação do anarquismo no mundo contemporâneo, para uma reportagem destinada à revista *La Nef*. Militava ele, então, no partido Socialista Unificado, nascido do impacto causado na intelectualidade da esquerda francesa pela divulgação do relatório do 20º Congresso do Partido Comunista Russo.

Numa carta em fins de 1958, informava-me que as relações entre ele e a revista *La Nef* tinham se tornado incompatíveis por causa das divergências suscitadas pelo gaulismo, acrescentando que estava pesquisando seriamente sobre o anarquismo e anunciava para fevereiro de 1959 um ensaio intitulado *Jeunesse du socialisme libertaire*, depois editado pela editora *Marcel Rivière*. Procedendo a uma redução fenomenológica de tipo husserliano, que consistia em pôr entre parênteses o jacobinismo marxista-leninista, propunha Guérin reconstituir do zero o socialismo, insuflando-lhe um sopro de pureza libertária. Após a falência do stalinismo, tratava-se (dizia-me) de purgar Lenin dos germes autoritários, de preferir o jovem Marx, libertário, ao Marx adulto, ditatorial, de reconhecer a franqueza ideológica de Proudhon e de reavaliar o marxismo com uma vigilância libertária. Teses que não satisfizeram a muitos de nossos militantes, mas que nos induziram, com isenção de ânimo e ante a seriedade e a originalidade do seu trabalho, a nomeá-lo membro de honra do Comité do C.I.R.A., que reúne, independentemente de sua formação e filiação políticas, todos os estudiosos do anarquismo, bem como biógrafos, bibliógrafos e historiadores.

Em julho de 1960, em uma viagem a Paris, onde fomos buscar um caminhão de documentação para nossos arquivos na Suíça, tive oportunidade de travar conhecimento direto com Daniel Guérin. Estava ele em companhia de Samuel Beckett, no “Théâtre des Nations” e, desde então, nossa colaboração não cessou de ser frutuosa. Em outubro do mesmo ano, era perseguido por ter assinado, ao lado da filha, também escritora, e de outros intelectuais, o “Manifesto do 121”. A Liga Central Suíça dos Direitos do Homem, de cujo comitê eu fazia parte, envia protestos a vários jornais por ele indicados. Durante toda a época da luta em favor da independência da Argélia, tivemos oportunidade de colaborar, estreita e fraternalmente.

Entretanto, Guérin distancia-se ainda mais do marxismo e ocupa-se cada vez mais do anarquismo, sem, todavia, chegar a uma adesão total ao movimento libertário. Em 1965, sai do prelo o livro *L’Anarchisme, de la doctrine à l’action* (Gallimard); em 1966, *Ni Dieu ni Maître* (ed. de Delphes); em 1968 *Le mouvement ouvrier aux Etats-Unis, 1867-1967*. E a fonte não está prestes a esgotar-se. Em carta de julho de 1966, confessa ainda Guérin encontrar-se numa posição solitária entre o marxismo e o anarquismo. Declarara, numa entrevista a 5 de maio de 1966, que em todos os países se multiplicaram estudos sobre este movimento, que talvez não mais tivesse muitos porta-vozes, mas que «suas idéias talvez tenham sobrevivido melhor do que seus partidários».

Segundo Guérin, a atualidade do anarquismo revelar-se-ia sobre dois planos, num passado honrado e profético (por ter previsto, há um século, os crimes do socialismo autoritário), e na proposição de um socialismo libertário, baseado na iniciativa criadora do indivíduo e na participação espontânea de vastas massas. Mantém-se, porém, Guérin, convicto da possibilidade de uma síntese entre anarquismo e marxismo (as disputas encaradas como brigas de família), permanecendo o desacordo apenas sobre alguns meios de se chegar à sociedade sem classe.

A majestosa obra *Ni Dieu ni maître* que, segundo o autor, deveria chamar-se “Antologia Histórica do Anarquismo” é uma verdadeira suma sobre o assunto, onde se revelam, pela primeira vez, documentos importantíssimos sobre a atuação anarquista na Revolução Russa (entre outros, uma entrevista de Makhno com Lênin e a reprodução das *Izvestias* de Cronstadt).

Mas examinemos agora, brevemente, o livro que estamos apresentando e cuja repercussão tem sido enorme, através da grande difusão na França e das traduções espanhola e alemã, que precederam a portuguesa.

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

A obra foi desigualmente recebida pela crítica anarquista: Claude Frochoux (*Bulletin du C.I.R.A.*, nº 12) considera-a “autêntico *vademecum* do anarquista contemporâneo”, enquanto Victor García (*Tierra y Libertad*, maio de 1967) censura Guérin por algumas afirmações inexatas.

Já tive oportunidade de expôr a Guérin, a seu pedido, o que pensava do livro. Não cabe aqui levantar as poucas falhas e omissões atribuíveis à falta de documentação e a algumas interpretações apressadas. Basta dizer que não existia em francês, nem talvez em outro idioma, um livro que condensasse com tamanha honestidade, vivacidade e acuidade, o que é necessário informar sobre o anarquismo, numa primeira leitura, para um público virgem. Mas o livro não tem somente esta qualidade: é ainda estimulador de um repensamento da problemática moderna do anarquismo, ao mesmo tempo que é um convite ao reconhecimento de alguns erros passados e uma avaliação de perspectivas novas.

Os recentes acontecimentos franceses permitem-me acrescentar algumas palavras sobre a grande influência exercida por este pequeno livro, bem como pelas outras obras do mesmo autor. Mesmo antes de receber a última carta de Guérin, e antes de estar de posse do material que me foi enviado de Paris para documentar os acontecimentos, eu já havia declarado a importância de tais influências, numa série de palestras sobre o anarquismo, patrocinadas pelo C.I.R.A. e realizadas no Teatro Carioca, no Rio de Janeiro.

Quando Guérin escreveu o ensaio sobre a Revolução Francesa, quis ele considerá-la unicamente do ponto de vista das relações entre as classes sociais e insistiu em estudar o movimento das massas, fugindo a qualquer interpretação idealista, como foi um pouco o caso de Kropotkin, na *Grande Revolução*.

Talvez Guérin não goste de saber que eu lhe reconheço (mérito ou responsabilidade) aquela influência que a imprensa atribui a Marcuse e que foi negada pelos representantes dos estudantes. Mas o que acontece é que, em seu livro *L'Anarchisme*, Guérin ressuscita o princípio de “autogestão” de Proudhon e dedica-lhe os últimos capítulos. Mais tarde publica na revista anarquista de Paris *Noir et Rouge* (1º de outubro de 1965), um estudo sobre a “Autogestão Contemporânea”. Segue-se-lhe um trabalho sobre a autogestão na Argélia (“L'Algérie caporalisée”, dezembro de 1965), continuação de “L'Algérie qui se cherche” (1963-64). Em 1966, ajuda a fundar a revista sociológica *Autogestion*, de cujo comité de redação faz parte.

O mínimo que pode ser dito é que não é por acaso que o lema anarquista da autogestão, por uma parte, e, por outra parte, a tônica marxista-

libertária das ocupações das fábricas, como, entre outros, salienta Edgard Morin, tenham sido as constantes maiores da recente Comuna estudantil de Paris. Escreve-me, a propósito, Daniel Guérin, a 5 de julho de 1968: "O que houve de verdadeiramente novo neste movimento não foram, a meu ver, nem as barricadas nem mesmo a ocupação das fábricas, *mas a contestação radical de todos os valores estabelecidos e a democracia direta*, as assembléias populares discutindo tudo sem cansar e repondo tudo em questão. Nessa contestação, o anarquismo, ou socialismo libertário, saiu vencedor. É absolutamente inacreditável o número de exemplares vendido de meu livrinho. Animei debates sobre a autogestão num certo número de faculdades, de escolas superiores, de colégios e até numa fábrica ocupada. A questão apaixona literalmente o público. Trata-se da aquisição mais duradoura, parece-me, da revolução de maio."

Quer se acredite no valor de experiências revolucionárias deste tipo, como Guérin, ou o neguemos, como o fez outro anarquista, não violento, o famoso compositor americano John Cage, que há pouco esteve prelecionando no curso de anarquismo, que estamos realizando no Teatro Carioca, do Rio de Janeiro, os fatos não mudam. Resta intepretá-los devidamente: numa ótica marxista, Daniel Guérin terá sido simplesmente um analista de leis dialéticas, que previu e talvez tenha ajudado o inevitável deflagrar de algumas contradições da sociedade estatal-capitalista; numa ótica idealista, teria ele contribuído, com seu trabalho incansável de anos, com suas sínteses lúcidas, para o esclarecimento e a conscientização das forças revolucionárias estudantis.

Cada um poderá escolher a versão que mais convier a seus postulados filosóficos básicos.

Rio de Janeiro, 6 de agosto de 1968.

DOCUMENTO Nº 5

Estatutos do C.I.R.A.

Versão em língua portuguesa.

Tradução do original francês por Eva.

O presente texto não leva em consideração possíveis modificações dos estatutos sobrevindas depois da redação inicial.

Centro Internacional de Pesquisas sobre o Anarquismo

Estatutos

I – Nome, sede, finalidades

1) Com o nome de C.I.R.A. (Centre International de Recherches sur l'Anarchisme) foi fundada em Genebra uma associação apolítica internacional de duração ilimitada, conforme os artigos 60 e seguintes do Código Civil Suíço.

2) Sua sede é em Genebra.

3) As finalidades do C.I.R.A. são:

a) organizar, classificar e conservar, em arquivos os documentos, isto é: livros, jornais, impressos, manuscritos de toda espécie e em todas as línguas, que tracem a história das idéias, dos acontecimentos, dos agrupamentos, dos movimentos e dos indivíduos anarquistas de todos os países.

b) informar os sociólogos, historiadores, escritores, jornalistas, estudantes ou quaisquer outras pessoas interessadas e promover eventualmente reuniões *ad hoc* do C.I.R.A. com essas pessoas;

c) suscitar e fomentar as pesquisas históricas, sociológicas, literárias e bibliográficas sobre o anarquismo.

4) Os meios de doação do C.I.R.A. são, entre outros:

a) o incremento da biblioteca já constituída pelas doações oriundas da Bibliothèque Germinal du Groupe du Rêveil Anarchiste de Genebra dos fundos Frégerio, Bertoni, SPRI, CRIA, Gross-Fulpius e outros grupos e individualidades e por aquisições ou intercâmbios.

b) o sistema de empréstimo de documentos da Biblioteca (veja-se: título 1, parágrafo 3, item a) acima) ou diretamente pelos nossos cuidados ou por intermédio da Biblioteca Pública e Universitária de Genebra à qual o C.I.R.A. é afiliado. Os empréstimos efetuados pela BPU estendem-se atualmente aos países seguintes: Suíça, Alemanha, Bélgica, Bulgária, Dinamarca, França, Holanda, Itália, Iugoslávia, Liechtenstein, Luxemburgo, Noruega, Reino Unido, Suécia, Checoslováquia. As obras são emprestadas gratuitamente, e com as condições da BPU de Genebra. A duração do empréstimo é de um mês, mas uma prorrogação pode ser requerida.

Algumas obras são excluídas do serviço de empréstimo.

Os membros do C.I.R.A. em dia com a sua cotização podem utilizar o serviço direto de empréstimo. Todas as expedições são feitas registradas e às custas do destinatário.

As obras e documentos remetidos ao C.I.R.A. em depósito lhe devem ser restituídos ou cedidos a terceiros.

As doações de obras e documentos feitas sem restrições por parte do doador, ficam de propriedade do C.I.R.A.

c) a publicação periódica do boletim bibliográfico contendo a lista das obras recebidas pelo C.I.R.A., críticas de livros, estudos inéditos. Este Boletim é enviado gratuitamente aos membros do C.I.R.A. Os não membros poderão assiná-lo.

d) a organização de conferências e palestras proferidas por pessoas competentes sobre assuntos de interesse anarquista. Essas conferências são gravadas em fitas magnéticas que os membros podem tomar emprestadas.

e) o trabalho prático (classificação, correspondência, mimeografia, traduções, etc.) efetuado várias vezes por semana por membros não remunerados na sede social do C.I.R.A.

II - Membros

a) O C.I.R.A. está aberto a todos aqueles, pessoas ou agrupamentos que se interessem por sua finalidade, aceitem os presentes estatutos e subscrevam uma quota anual mínima de 10 francos suíços;

b) ele admite como membros ativos todos aqueles que ajudarem praticamente a realizar o programa geral previsto pelos presentes estatutos;

c) aceita como membros correspondentes as organizações científicas ou anarquistas, ou pessoas da Suíça ou do exterior que subscrevam os presentes estatutos;

d) considera como membros vitalícios todos aqueles que fizerem doações de fundos ou que, na qualidade de membros, versarem uma quota única de 100 francos suíços;

e) considera como membros fundadores (que se tornam membros vitalícios) os participantes do comitê provisório do C.I.R.A. que funcionou entre a primeira reunião de abril de 1957 e a primeira assembléia de novembro de 1958 em Genebra.

f) considera como membros honorários, com a sua aquiescência, as personalidades conhecidas por seus trabalhos de pesquisa e por sua com-

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

petência sobre um aspecto do anarquismo; estes membros são dispensados de qualquer cotização.

Perde-se o direito de membro do C.I.R.A. por:

* demissão

* exclusão pronunciada pela Assembléia Geral ou pelo Comitê por razões graves, sob reserva de ratificação pela mesma assembléia.

* o não pagamento de duas quotas anuais equivale a uma demissão tácita.

III - Organização

1) Os órgãos do C.I.R.A. são:

A Assembléia Geral;

O Comitê de Gestão, composto com pelo menos cinco membros e suplentes por escolha da mesa;

A Comissão Geral dos três fiscalizadores das contas.

2) A Assembléia Geral

Elege os membros do Comitê de Gestão e os fiscalizadores das contas pela duração de três anos civeis. Nomeia também os membros de honra (Comitê Internacional);

Examina a situação moral, material e financeira e adota as decisões úteis para o C.I.R.A.;

Discute e decide sobre as questões levadas à ordem do dia pelo Comitê de Gestão.

Cada assembléia geral nomeia uma mesa de três membros. Os relatórios moral e financeiro e os projetos de resolução estabelecidos pelo Comitê de Gestão serão comunicados aos membros um mês antes da Assembléia Geral.

As propostas individuais ou oriundas de grupos deverão ser comunicadas com duas semanas de antecedência do Comitê de Gestão se não forem objeto de um novo item da agenda. Em caso de urgência, abre-se mão do parágrafo acima.

3) O Comitê de Gestão

O Comitê de Gestão tem:

a) o dever de dirigir o C.I.R.A. moral, material e financeiramente, conforme às suas finalidades:

b) competência para intervir junto as autoridades suíças para organizar eventuais manifestações e conferências em nome do C.I.R.A. e para preparar as assembléias gerais.

c) o dever de fornecer todas as informações que permitam à Comissão de fiscalização das contas de apresentar o relatório à Assembléia.

4) Afora o caso previsto no parágrafo 2, item a), a Assembléia Geral se reúne uma vez por ano pelas outras finalidades previstas no capítulo III.

5) Qualquer modificação dos estatutos pode ser proposta a assembléia Geral por um terço de seus membros ou pelo menos pelo comitê de gestão.

IV - Dissolução

A dissolução do C.I.R.A. só pode ser pronunciada por uma assembléia geral especialmente convocada com esta finalidade. A decisão deve ser adotada por dois terços dos membros presentes (incluídos os membros correspondentes. Em caso de dissolução os documentos da biblioteca (veja-se capítulo I, parágrafo 4, item a) dos estatutos) serão devolvidos aos membros e organizações depositários ou donatários que o terão especificado no contrato de cessão. Os documentos serão entregues à organização que substituir o C.I.R.A. e cujas finalidades se aproximem mais das suas. O comitê de gestão decidirá qual o destino da correspondência recebida e enviada pelo C.I.R.A.

Membros de honra do C.I.R.A.

Emile Armand, Giovanni Baldelli, Alex Comfort, Hem Day, Ugo Fedeli, Sol Ferrer, Ildelfonso González, Abba Gordine, Daniel Guérin, Wieslaw Jezierski, Renée Lamberet, Louis Louvet, Jean Maïtron, Pier Carlo Masini, Albert Meister, André Prudhommeaux, Michel Ragon, Carlos M. Rama, Sir Herbert Read, Eugen Relgis, Helmut Rüdiger, André Salmon, Diego Abad de Santillán, Sven Stelling-Michaud, Alicia Pérez Salazar, George Woodcock.

Correspondentes nos países seguintes:

Alemanha, Argélia, Argentina, Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, Chile, Costa Rica, Cuba, Espanha, Estados Unidos, Guiné, Holanda, Hong Kong, Israel, Itália, Iugoslávia, Japão, Luxemburgo, México, Nova Zelândia, Polónia, Portugal, Reino Unido, Suécia, Uruguai, Venezuela.

DOCUMENTO 6

Estatutos do C.I.R.A. em esperanto

Tradução pelos cuidados do Dr. Francisco Viotti de Caxambu. O texto manuscrito da tradução encontra-se nos arquivos do C.I.R.A.-Brasil. A pessoa que datilografou o manuscrito não sabia esperanto e teve que adivinhar. Em caso de utilização dos mesmos seria bom consultar especialistas. Os sistemas informáticos de correção ortográfica e gramatical não constam da lista de idiomas reconhecidos pela Microsoft. O autor deste estudo já foi esperantista, mas não tem oportunidade de praticar o idioma e encontra-se portanto na mesma situação do que o Dr. Viotti há quarenta anos. Também existe um problema de escolha estilística. Limitar-me-ei a citar um exemplo: ao traduzir a palavra “membros” o Viotti se serviu do termo “anoj”, porém a Universala Esperanta Asocio, em seus Estatutos, utiliza o lema “membroj”. Qual será o mais correto ou elegante?

Internacia Centro por Esploroj pri Anarkismo**Statutoj***I. Nomo, sidejo, celo*

1. Sub la nomo de C.I.R.A. (france: Centre International de Recherches sur l'Anarchisme) estas fondita en Ĝenevo senpolitikan internacian asocion de senlima daŭro laŭ la artikolo 60 kaj de la Svisa Civila Kodo.

2. Ĝia sidejo estas en Ĝenevo.

3. La celoj de la C.I.R.A. estas:

- organizi, klasifiki kaj gardi en arkivoj dokumentojn tio estas: libroj, ĵurnaloj, presajoj, manuskriptoj de cuij specoj kaj en cuij lingvoj referantaj la historion de la ideoj, okazoj, grupoj, movadoj kaj de la elstaraj anarkistoj de ĉiuj landoj.
- informi la sociologojn, historiistojn, verkistojn, ĵurnalistojn, studentojn aŭ aliajn personojn interesiĝatajn kaj okaze iniciati specialajn kunvenojn de tiuj personoj.
- sugesti kaj kuraĝigi historiajn, sociologiajn, literaturajn kaj bibliografiajn esplorojn pri la anarkismo.

4. La agadaj medioj de la C.I.R.A. estas ĉefe:

- pligrandiĝo de la biblioteko jam kreita de donacoj foritaj precipe: de la Biblioteko Germinal de la Grupo Réveil Anarchiste; de la fondojo Frigerio, Bertoni, SPRI, CRIA, Gross-Fulpius; de aliaj grupoj kaj personoj; ankaŭ per akirado aŭ interŝanĝoj.
- la pruntservo de dokumentoj de la biblioteko (laŭ supre dirita en la titolo 1 numero 3 kaj letero aŭ rekte per nia zorgo aŭ meze de la Publika kaj Universitata Biblioteko de Ĝenevo al kiu C.I.R.A. estas aniĝita. La pruntadoj faritaj de P.U.B. sin etendas nun al sekvantaj landoj: Belgujo, Bulgarujo, Britujo, Ĉeĥoslovakio, Danujo, Francujo, Germanujo, Italujo, Jugoslavujo, Liĥtenŝtejno, Luksenburgio, Nederlando, Novgrijo, Svedujo, Svisujo.

La verkoj estas pruntitaj senpage kaj kondiĉoj de P.U.B. de Ĝenevo. La daŭ de la pruntado estas de unu monato sed prokraston povas esti petita. Keljak verkoj estas forigitaj de la pruntservo. Ĉiuj sendaĵoj estas farataj per poŝtregistro kostpage de la adresato. La verkoj kaj dokumentoj senditaj al C.I.R.A. kiel depono nur poste akordo kun la deponanto povas esti al li redonita aŭ sendita al alia persono. Donacoj de verkoj kaj dokumentoj senrezerve faritaj de la donanto estas propraĵo de la C.I.R.A.

- perioda eldonado de bibliografias bulteno enhavante la liston de verkoj ricevataj de la C.I.R.A., recenzoj de libroj kaj de ne eldonitaj studaĵoj. Tiun bultenon ricevas senpage la anoj de la C.I.R.A. La ne anoj povas ĝin aboni.
- iniciato de konferencoj, paroladoj, faritaj de kompetentaj personoj pri temoj de anarkista intereso. Tiuj konferencoj estas gravuritaj en sonbendoj prunteblaj al la anoj de la C.I.R.A..
- praktika laboro (klasifiko, korespondo, mimeografio, tradukado, k.t.p.) realigbla plurfoje dum la semajno senpage de la anaro en la sidejo de C.I.R.A..

II. Anoj

- La C.I.R.A. estas malfermita al ĉiuj personoj aŭ grupo kiuj sin interesas pri ĝis celo kaj konsentas pri la ĉeestantaj statutoj kaj subskribos minimuman kvoton de 10 svisaj frankoj jare.
- ĝi akceptas kiel aktivaj anoj ĉiujn kiujn helpas praktike la realigado de la ĝenerala programo antaŭ zorgata en la ĉeestantaj statutoj;

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

- akceptas kiel korespondantaj anoj la sciencajn aŭ anarkistajn organizojn, personojn logantajn en Svisujo aŭ alilande kiuj subskritis la ceestagn statutojn.
- konsideras kiel dumvivaj anoj ĉiu kiuj faros donacojn de fondoĵoj aŭ ĉiu anoj kiuj pagos unu solan kvoton de 100 svisaj frankoj.
- konsideras kiel fondintaj anoj (devenontaj dumvivaj anoj) la partoprenantoj en la provizora komitato de la C.I.R.A. kiu funkciis inter la unua kunsido Aprilo 1957 kaj la unua asembleo de 1958 en Ĝenevo.
- konsideras kiel honoraj anoj, laŭliaj konsento personojn konatajn pro liaj esploraj verkopoj kaj pro liaj kompetenteco pri iu aspekto de la anarkismo; al tiuj anoj oni ne postulas iun ajn kvoton.

Oni perdas la rajton de aneco al C.I.R.A. pro:

* demisio.

* ekŝigon decidita per la ĝenerala asembleo laŭ gravaj kialoj sub kondiĉe de konfirmo de la sama asembleo.

* la ne pagado de du kvotoj valoras kiel silenta demisio.

III. Organizaĵo

1. La organoj de la C.I.R.A. estas:

- la ĝenerala asembleo:
- la direktora komitato konsistanta almenaŭ el kvin anoj kaj anstataŭantoj de la estraro.
- la komitato de tri kontrolistoj pri kontoj.

2. La ĝenerala asembleo:

- elektas la anojn de la direktora komitato kaj la kontrolistojn pri kontoj per la daŭro de tri civilaj jaroj. Ĝi nomas ankaŭ la honorajn anojn (internacia komitato),
- ehzamenas la moralan, materialan kaj financan situacion kaj prenas la decidojn utilajn al C.I.R.A.,
- diskutas kaj decidas pri la temoj kiujn la direktora komitato porta al tagordo. Ĉiu ĝenerala asembleo nomas estraron por tri jaroj. La moralaj kaj financaj reportoj kaj la projektoj de resolucio elektiloj de la direktora komitato estas komunikataj al la anoj unu nonato antaŭe

per la ĝenerala asembleo. La individuaj proponoj aŭ ĉiuj devenantoj de grupoj devos esti komunikataj antaŭ du semajnoj al la direktora komitato se ili ne apartenas al nova paragrafo de la tagordo. En urĝa okazo oni forlasas la du lastajn suprajn paragrafojn.

3. La direktora komitato havas:

- la devon direkti la C.I.R.A. morale, materiale, kaj finence la ĝiaj celoj;
- solan kompetentecon por interveni ce la avisaj aŭtoritatoj por organizi okazajn manifestaciojn kaj konferencojn sub la nomo de C.I.R.A. kaj prepari la ĝenerala asembleon;
- la devon doni ĉiujn informojn permesantajn al komitato de kontrolistoj prezenti ĝian raporton al la asembleo.

4. kron la paragrafo sub numero 2, letero a supre, la ĝenerala asembleo kunvenas unu foje jare por la diversaj aliaj celoj de la titolo III.

5. ĉiu ŝanĝo de la statutoj povas esti proponata al la ĝenerala asembleo de unu triono de ĝin anoj aŭ de la direktora komitato.

IV. Solvo

La solvo de la C.I.R.A. povas esti nut deklarata de la ĝenerala asembleo speciale kunvokita per tiu celo. La decida devas esti prenata por du trionoj de la ĉeestantoj anoj (inkluzivaj la korespondantaj anoj). En okazo de solvo la dokumentoj de la biblioteko (ĉapitro 1, paragrafo 4, litero a) de la statutoj estas redonataj al la donantaj anoj kaj organizoj kiuj havos la rajton pri tio laŭ speciala mencio en la kontrato. La dokumentoj estas liverataj al la organizo kiu la C.I.R.A. kaj kuir celoj alproxiĝos pli al ĝiaj. La direktora komitato decidos pri la destino de la korespondo ricevita kaj sendita de la C.I.R.A.

Honoraj anoj de la C.I.R.A.:

Emile Armand, Giovanni Baldelli, Alex Comfort, Hem Day, Ugo Fedeli, Sol Ferrer, Ildelfonso González, Abba Gordine, Daniel Guérin, Wieslaw Jezierski, Renée Lamberet, Louis Louvet, Jean Maïtron, Pier Carlo Masini, Albert Meister, André Prudhommeaux, Michel Ragon, Carlos M. Rama, Sir Herbert Read, Eugen Relgis, Helmut Rüdiger, André Salmon, Diego Abad de Santillán, Sven Stelling-Michaud, Alicia Pérez Salazar, George Woodcock.

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

Korespondantoj en la sekvantaj landoj:

Algerio, Argentino, Aútrálio, Belgio, Bosnio, Brazilo, Britio, Ĉilio, Germanio, Guíneo, Hercegovino, Hispanio, Honkongo, Israelo, Itálio, Japanio, Kanado, Kostariko, Kroatio, Kubo, Luksemburgio, Meksiko, Nderlandano, Nov-Zelando, Pollando, Portugalio, Serbio, Slovenio, Svedio, Urugvajo, Usono, Venezuelo.

DOCUMENTO 7

Circular nº 2

Rio de Janeiro, 12 de junho de 1968

Vimos, pela presente, comunicar o início de um curso de extensão sobre *anarquismo*, a ser pronunciado pelo professor Pietro Ferrua, em 6 de julho do corrente ano.

As palestras serão realizadas no Teatro Carioca à Rua Senador Vergueiro, 238 E, aos sábados, às 18 hs, e desenvolver-se-ão durante um período de 8 semanas.

Estabeleceu-se o seguinte programa:

a. Introdução

Manifestações anarquistas na Europa.

b. Esboço Histórico

Papel dos anarquistas na Comuna de Paris de 1871.

c. Papel dos anarquistas na Revolução Mexicana de 1911.

d. Papel dos anarquistas nas revoluções russas de 1905 e 1917.

e. Papel dos anarquistas na Comuna de Kronstadt de 1921.

f. Papel dos anarquistas na Revolução Espanhola de 1936-39.

g. Atualidade

Autogestão e autogoverno na concepção anarquista.

h. O Congresso Internacional das Federações Anarquistas de 1968.

Sendo um curso pago, estamos trabalhando no sentido de que seja aberto livremente aos membros do C.I.R.A., e não havendo esta possibilidade, que estes paguem uma taxa mínima de inscrição no curso.

Vimos também pedir a V. Sa, possuindo material informativo e de documentação sobre o tema do curso, se digne cedê-lo a fim de que possamos melhor ilustrar nossas palestras.

Agradecendo a atenção que dar a esta, subscrevemo-nos,

Atenciosamente, assinado por Regina Helena Machado pelo C.I.R.A. Caixa Postal 5475 Agência de Ipanema.

DOCUMENTO 8

Artigo em *O Globo* em 05/07/1968, p. 2

Ferrua: Anarquismo Atua e Progride no Mundo Moderno

Citando o exemplo das manifestações operárias e estudantis recentemente ocorridas na França como sendo inspiradas em ideais anarquistas e parcialmente orientadas por líderes anarquistas, o Professor italiano Pietro Ferrua disse ontem a *O Globo* que o movimento anarquista não só é atuante mas vem conquistando sucessivas vitórias em muitos países, tanto no mundo ocidental, como na área socialista.

Membro do Centro Internacional de Pesquisas sobre o Anarquismo, de Lausanne, Suíça, ele informou que no curso que ministrará sobre "Aspectos Históricos do Anarquismo", a partir de sábado próximo, no Teatro Carioca, abordará a situação do anarquismo no âmbito internacional e mostrará a evolução do conceito dessa filosofia política através dos tempos.

O Caso Francês

O que ocorreu recentemente na França — acrescentou — é um exemplo da situação do anarquismo. Embora a participação anarquista nos últimos acontecimentos não tenha sido oficial, pois a Federação Anarquista Francesa não foi a promotora das manifestações e do movimento, seria um erro monstruoso negar a participação de um grande número de anarquistas. Todos os grandes lemas dos manifestantes são tipicamente anarquistas, inclusive a autogestão, isto é as fábricas para os técnicos e os operários e as universidades para os professores e estudantes. Isso é anarquismo puro. Se o movimento fosse comunista ou socialista, os manifestantes quereriam que as fábricas e as universidades fossem geridas pelo Estado; se fossem da direita, desejariam que o Estado se afastasse das fábricas e das universidades e que essas fossem do âmbito exclusivo da iniciativa privada. Mas o que desejavam os

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

10 milhões de grevistas, estudantes e operários? Apenas isso: autogestão. Nem interferência do Estado, nem propriedade particular sobre o ensino e a indústria. Anarquismo. Aliás, o líder estudantil Daniel Cohn Bendit se confessou anarquista, embora não pertença oficialmente à organização anarquista francesa.

Ampliação

Esclareceu o professor que o movimento anarquista vem ganhando corpo em vários países: na Suécia o sindicalismo e o cooperativismo se desenvolvem em torno da necessidade de autonomia total. E até mesmo no mundo comunista, como na Tcheco-Eslováquia, já se nota, no chamado “movimento renovador”, tendências claramente anarquistas, como uma evolução para a autogestão nas fábricas. Na Iugoslávia os operários e técnicos também querem que o Estado perca sua influência sobre a indústria.

— O que o anarquismo deseja — explicou, é a gradual supressão da autoridade do Estado, mas sem violência, através, portanto, de processos normativos. Todo anarquista é um evolucionista, e acredita que a sociedade marcha para a autogestão. A interferência do Estado na vida econômica e cultural já não pode ser defendida com objetividade: basta que olhemos para as lamentáveis ditaduras do proletariado. Uma vez abolidas, acredito que todos os países comunistas poderão evoluir dinamicamente para o anarquismo. Sem iniciativa privada, sem interferência do Estado. A própria sociedade saberá reger-se, quando atingir a maturidade, que esperamos venha a ser alcançada em breve.

Atuação

Acrescentou que, no curso a ser ministrado, delineará as linhas gerais da atuação anarquista no mundo moderno. Tal atuação é feita basicamente através da propaganda, por meio de livros e revistas editados por empresas a serviço da causa anarquista, também por ação política, com pressão direta ou indireta sobre as instituições, mas não através do voto e das lutas eleitorais.

— O anarquismo critica construtivamente as lutas políticas. Além disso as comunidades anarquistas, pela sua força econômica e organização, se autogestionam, e mesmo em Israel grande número de “kibbutzim” são de caráter anarquista, totalmente geridos pelos seus membros. O sindicalismo é outra força. Os anarquistas são desvinculados das grandes centrais sindicais, e tem suas próprias associações de classe, em muitos países, todas filiadas à Associação Internacional dos Trabalhadores, instituída em 1864, e da qual participou Karl Marx, que juntamente com seus seguidores

socialistas dela se afastou, após o segundo congresso da entidade. Os órgãos sindicais anarquistas, segundo o professor Ferrua, se caracterizam pela sua defesa do federalismo libertário e pela linha independente, sem compromissos de qualquer ordem, seja com o capitalismo, seja com o comunismo ou o socialismo.

DOCUMENTO 9

Recorte do diário carioca Última Hora de 06/07/1968

Anarquismo

A partir de hoje vamos ter no Teatro Carioca um curso intitulado “Aspectos históricos do anarquismo”, a cargo do Professor italiano Pietro Ferrua. O anarquismo, que tinha sido relegado à condição de artigo de museu, vivendo de lembranças dos velhos militantes, principalmente na Península Ibérica e na Itália, acaba de ressurgir impetuosamente na crista da rebelião dos jovens e virou novamente moda.

DOCUMENTO 10

Cartaz do curso: Aspectos históricos do Anarquismo

Ver fac-simile em apêndice, tomando em consideração o fato que as dimensões do cartaz original (impresso em vermelho e preto) são de tamanho muito maior, isto é 47,5 x 68 cm.¹⁰

DOCUMENTO 11

Série de bibliografias distribuídas aos discentes

1. A Comuna de Paris
2. As Revoluções Russas de 1905/1917
3. A Revolução Mexicana de 1910
4. A Revolução Espanhola de 1936-39

Professor Pietro Ferrua

Aula de Sábado 5 de agosto de 1968:

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

1. A Comuna de Paris.

Bibliografia mínima :

ALLEMANE, Jean. *Mémoires d'un communard*. Paris, Librairie Socialiste.

ANONYME. *Le Livre noir de la Commune de Paris — Dossier complet*. Bruxelles, Office de Publicité, 1871, 596 pp.

ARNOULD, A. *Histoire de la Commune de Paris* (3 tomes). Bruxelles, 1878.

BOYER, Irma. *La vierge rouge, Louise Michel*. Paris, Delpeuch, 1927, 247 pp. CLEMENT, J. B. *La revanche dès communeux*. Paris, Ed. Jean-Marie, 1886-87.

DA COSTA, Gaston. *La Commune vécue. 18 Mars 28 Mai 1871*. Paris, 1905, DOMINIQUE, Pierre. *La Commune*. Paris, Flammarion, 1956, 126 pp.

GALLET, Louis. *Guerre et Commune. Impressions d'un hospitalier*. Paris, Calmann-Lévy, 1898, in-8, 332 pp.

GIRAULT, Ernest. *La bonne Louise: Psychologie de Louise Michel*. Paris, Bibliothèque des Auteurs Modernes, 1906, 225 pp.

«Journal des Journaux de La Commune» T. I et II, Garnier, Paris, 1872.

KOECHLIN, Heinrich. *Die Pariser Commune von 1871 in Bewusstsein Ihrer Anhänger*. Basel, Don Quichotte, 1950, 248 pp.

LEFRANÇAIS, G. *Etudes sur le Mouvement Communiste à Paris en 1871*. Neuchâtel, Guillaume, 1871, p. 596 + appendice p. 71

LEFRANÇAIS, G. *Souvenirs d'un Révolutionnaire*. Bibliothèque des Temps Nouveaux.

LISSAGARAY. *Histoire de la Commune de 1871*. Paris, Dentu, 1896, 576 pp. MAILLARD, F. *Les Publications de la Rue Pendant le Siège et la Commune*. Paris, Aubry Ed., 1874

MARGUERITTE, Paul et Victor. *La Commune*. Paris, Pion, 1904, 659 pp.

MICHEL, Louise. *Buch von Bagne, Erinnerung einer Kommunnardin*. Berlin, Ruetter und Loening, 1962, in-8, 339 pp.

MICHEL, Louise. *La Commune*. Paris, Stock, 1921, 427 pp.

- OLLIVIER, Albert. *La Commune*. Paris, Gallimard, 1966, 580 pp.
- PLANCHE, Fernand. *La virgen roja, Luisa Michel*. México, MLE, 240 pp.
- PLUSIEURS AUTEURS. *Hommes et choses du temps de La Commune. Récits et portraits pour servir à l'histoire de la première révolution sociale*. Genève, 1871, in-32, 224 pp.
- RECLUS, Élisée. *La Commune de Paris au jour le jour: 187 : 19 mars-28 mai*. Paris, Scheicher, 1908, 591 pp.
- ROUGERIE, Jacques. *Procès des Communards*. Paris, Julliard, 1964, 261 pp. SEMPRONIÚS. *Histoire de la Commune de Paris*. Alonniér, 1871, 267 pp.
- VUILLAUME, Maxime. *Mes Cahiers Rouges au Temps de la Commune*. Paris, Société d'Éditions Littéraires et Artistiques, s.d, in- 8, 429 pp.

Estas e outras obras sobre o mesmo assunto poderão ser encontradas na Biblioteca do "Centre International de Recherches sur l'Anarchisme" (24, Avenue de Beaumont, 1012, Lausanne, Suíça — Tel. 32 3543) ou consultadas pelo sistema de empréstimo internacional.

Assinatura anual — 10 francos suíços (NC 7,50)

Assinatura vitalícia — 100 francos suíços (NC 75,00)

As despesas de porte (registrado) estão a cargo do destinatário.

Informações: Pietro Ferrua. Tel.: 27 8996 à noite, ou C.P. 5475 — Rio de Janeiro — ZC 95.

Curso: Alguns Aspectos Históricos do Anarquismo

Professor Pietro Ferrua

2. O Movimento Anarquista na Rússia. A Revolução de 1905. A Revolução de 1917. O Movimento Makhnovista na Ucrânia e a Comuna de Kronstadt.

Bibliografia sumária:

ARCHINOFF, Pierre. *Histoire du Mouvement Makhnoviste (1918-1921)*. Paris, Librairie Internationale, s.d.

ARNAUDO, J.-B. *Le nihilisme et les nihilistes*. Paris, Dreyfus.

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

- ARSCINOV, Pietro. *Storia del Movimento Machnovista 1918-1921*. Genova, RL, 1954, 319 pp.
- ASTERMANN, Michael. *Erziehungs und Bildungs wesen in der Ukrainischen Sozial Râterepublik*. Berlin, Putkammer und Mûlbrecht, in-8, 152 pp.
- BERKMAN, Alexander. *La Rivoluzione Russa e il Partito Comunista*. Roma, Fede, s.d., in-8, 43 pp.
- BERKMAN, Alexander. *En Blick Tillbaka och Framât pâ den Ryska Revolutionen* Stockholm, Brand, 1922, 48 pp.
- BIENSTOCK, W. *Tolstoï et les Doukhobors*. Paris, Stock, 1902,
- CANNAC, René. *Aux Sources de la Révolution Russe: Netchaiev, du Nihilisme au terrorisme*. Paris, PAYOT, 1961, in-8, 181 pp.
- CHAZOFF, J. *Le mensonge Bolcheviste*. Paris, Librairie Sociale,
- CHESSIN, Serge de. *L'Apocalypse Russe (La Révolution Bolchévique)*. Paris, Pion, 1921, 333 pp.
- GALKINA, I. S. *Le istorii Borby Marxa i Engelza za Proletarskouiou Partiou*. Roskva, Gos, 1955, 750 pp.
- GIRAULT, Ernest. *Pourquoi les anarchistes-communistes français ont rallié la IIIe. Internationale*. Paris, 1925, 62 pp.
- GOLDMAN, Emma. *Mina tvá ar i Ryss Land*. Stockholm, Bonmers, 1924.
- GOLDMAN, Emma. *Die Ursachen der Russischen Revolution*. Berlin, Der Syndikalist, 1922, 77 pp.
- GORKI, Maxime. *Lénine et le paysan russe*. Paris, Kra, 1924, 187 pp.
- GRUPE DES ANARCHISTES RUSSES EXILÉS EN ALLEMAGNE. *Repressionde l'Anarchie en Russie Soviétique*. Paris, Librairie Sociale, 1923.
- Histoire du Parti Communiste (Bolchevik) de l'URSS*. Moscou, Editions d'Etat, 1939, 324 pp.
- IAROSLAVSKI. *L'anarchisme en Russie*. Paris, Bureau d'Edition, 1937, 149 pp.
- IAROSLAVSKI. *Anarkhizm v rossii (kak istoriia razreshila spor mezhdou anarkhistami i kommunistami y russkoi revoliutsii)*. Moskva, Gos, 1939, 115 pp.

- KOLLONTAI, Alessandra. *L'Opposizione operaia in Russia*. Milano, Ed. Comune, 1962, in-8o, 98 pp.
- KROPOTKINE, GRAVE. *Appel des anarchistes russes*. Robinson, La revolte des temps nouveaux, 1922, 24 pp.
- KROPOTKIN, Piotr. *La terreur en Russie*. Paris, Stock, 1910, 114 pp.
- LENIN, Wladimir. *L'Etat et la Revolution*. Paris, Editions Sociales, 1946.
- LUXEMBURG, Rosa.- *Marxism contra Leninism*. Göteborg, Libertad, 1968.
- MAKHNO, Nestor. *La Révolution Russe en Ukraine (Mars 1917- avril 1918)*. Paris, La Brochure Mensuelle, 1927, 360 pp.
- MAURICIUS. *Au pays des soviets (neuf mois d'aventures)*. Paris, Figuiere, 1922, 340 pp.
- METT, Ida. *La Commune de Cronstadt, crépuscule sanglant des soviets*. Paris, Spartacus, 1949, 95 pp.
- METT, Ida. *La rivolta di Kronstadt- (Il ruolo della marina nella rivoluzione russa) pagine inedite di storia sovietica*. Milano, Ed. Azione Comune, 1952, 107 pp.
- MICHAÜD, S. *Vérités et mensonges du Bolchevisme*. Ed. Travailleurs Libentaires, 1932, MIRSKY, Boris. *Les juifs et la Révolution Russe*. Paris, Polozozky, 1921, 70 pp.
- OLAYA, Francisco. *De una a otra revolución — 1798-1918*. Buenos Aires, Americalee, 1960 , 190 pp.
- REED, John. *Dix jours qui ébranlèrent le monde*. Paris, Bureau d'Edition, 213 pp.
- SERGE, Victor. *L'an I de la Révolution Russe*. Paris, Delphes, 1955, 507 pp.
- SERGE, Victor. *Destin d'une révolution: URSS 1917-1936*. Paris, Grasset, 1937, 324 pp.
- SERGE, Victor. *Mémoires d'un révolutionnaire - 1901-1941*. Paris, Seuil, 1965, 417 pp.
- SERGE, Victor. *Portrait de Staline*. Paris, Grasset, 1950, 188 pp.
- SOUCHY, Augustin. *Den Ryska Arbetare-och Bondrevolutionen resultatet an en studieresa i rysslar-1 och ukraina under apriloktober 1920*. Stockholm, Bokforlaget Brand, 1921, 241 pp.

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

SOUCHY, Augustin. *Wie lebt der arbeiter und bauer in Russland und in Ukraine?* Berlin, der Syndikalist, s.d., in-8ü, 144 pp.

STEPNIAK. *La Russie Souterraine*. Paris, Levy, 1885, 426 pp.

VOLINE. *Le Fascisme Rouge*. Bruxelles, Pensée et Action, s.d., 16 pp.

VOLINE. *La revolución desconocida*. Paris/Buenos Aires, Solidaridad Obrera, 441 pp.

VOLINE. *La révolution inconnue - 1917-1921*. Paris, Les Amis de Voline, 1947, 687 pp.

VOLINE. *La Révolution Russe*. Paris, Ed. de L'Encyclopedie Anarchiste.

VOLINE. *La Rivoluzione sconosciuta*. Napoli, RL, 1950, 574 pp.

ZAVARINE, P. (General). *Souvenirs d'un chef de l'Okhrana — 1900-1917*. Paris, Payot, 1930, 297 pp.

Estas e outras obras sobre o mesmo assunto poderão ser encontradas na Biblioteca do «Centre International de Recherches sur l'Anarchisme» (24, Avenue de Beaumont, 1012, Lausanne, Suíça — Tel. 32 3543) ou consultadas pelo sistema de empréstimo internacional.

As despesas de porte (registrado) estão a cargo do destinatário.

Informações: Pietro Ferrua. Tel.: 27 8996 à noite, ou C.P. 5475 — Rio de Janeiro — ZC 95.

Professor Pietro Ferrua

Sede: Teatro Carioca

Aula de sábado 17 de Agosto 1968:

3. Os anarquistas na Revolução Mexicana de 1910

Bibliografia Sumária:

ALBA, Victor. *El militarismo en el México*. México, Universidade, 1960.

AZUELA, Mariano. *Andrés Pérez, Maderista*. México, 1911.

AZUELA, Mariano. *Los de abajo*. El Paso, 1916.

COMITÉ DE RELACIONES EXTERIORES DE WASHINGTON. *Las Revoluciones en México. Una resolución autorizando al Comité de Relaciones Exteriores para investigar, ya sea que hayan existido o estén algunos intereses financieros de los Estados Unidos Norteamericanos, ocupados en incitar rebeliones en Cuba y México.* México, 1946, 70 pp.

GUERRERO, Práxedes G. *Crónicas revolucionarias.* México, Grupo Cultural "Ricardo Flores Magón", 1921.

GUZMÁN, Martín Luís: *El águila y La serpiente.* México. 1928.

MAGÓN, Ricardo Flores. *Tribuna Roja.* México, Grupo Cultural "Ricardo Flores Magón", 1921.

MAGÓN, Ricardo Flores. *Semilla Libertaria.* México, Grupo Cultural "Ricardo Flores Magón", pp. 176-216.

MANCISIDOR, José. *Historia de la Revolución Mexicana.* Libro Mex, 1959. MARTINEZ, Pablo L. *Sobre mi libro: Ba já California heroica (Contra la defensa de una falsedad histórica)* México, 1960, p. 63.

RAMA, Carlos M. *La Revolución Mexicana de 1910.* Montevideo, 12 pp.

RAMA, Carlos M. *Revoluciones sociales del siglo XX.* Toulouse, Cenit, 1960. SANTILLÁN, Diego Abad de. *Ricardo Flores Magón. el apóstol de la Revolución Mexicana.* México, Grupo Cultural "Ricardo Flores Magón", 1921, 132 pp.

SILVA HERZOG, Jesus. *La Révolution mexicaine.* Paris, Maspéro, 1968, 236 pp.

TIERRA Y LIBERTAD. Número extraordinário de Octubre de 1963, México.

Consultem a Biblioteca do "Centre International de Recherches sur l'Anarchisme" 24, Avenue de Beaumont, 1012 Lausanne — Suisse.

Informações no Brasil: Pietro Ferrua. Caixa Postal 5475 Ipanema, Rio de Janeiro.

C.I.R.A.

Teatro Carioca

Curso: Alguns Aspectos Históricos do Anarquismo.

Professor Pietro Ferrua

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

4. A Revolução Espanhola de 1936-39.

Bibliografia Sumária:

- ANDERSON, John. *Blodsvâldet i Spanien*. Stockholm, Federativa Förlag, 1955, 78 pp.
- AZARETTO, Manuel. *Las pendientes resbalizadas (Los Anarquistas em Espanha)*. Montevideo, Germinal, 1939, 250 pp.
- BAUER, Eddys. *Rouge et Or. Chroniques de la Reconquête espagnole 1937-1938*. Neuchâtel-Paris, Attinger, 1939, 238 pp.
- BERNARD, R. *La CNT et la puériculture*. Flémalle-Haute, L'émancipateur, 1959, 93 pp.
- BERNERI, Camillo. *Entre la Revolución y las Trincheras (1936-37)*. Barcelona, Páginas de Espana, 1946, 32 pp.
- BERNERI, Camillo. *Guerre de Classes en Espagne*. s. l., Terre Libre, 48 pp.
- BOLLOTEN, Burnett. *La Revolución Espanola, la Izquierda y la lucha por el Poder*. México, Jus, 1962, 335 pp.
- BRENAN, Gérald. *Le Labyrinthe espagnol. Origines sociales et politiques de la Guerre Civile*. Paris, Ruedo Ibérico, 1963, 280 pp.
- BRENAN, Gerald. *The Spanish Labyrinth, an Account of the social and political background of the Spanish Civil War*. Cambridge University Press, 1960, 384 pp.
- BROUË, Pierre et TÉMINE, Emile. *La Révolution et la Guerre d'Espagne*. Paris, Minuit, 1961, 542 pp.
- BUREAU D'INFORMATION ET DE PRESSE. *Dans la tourmente: un an de guerre en Espagne*. Paris, BIP, 1938, in-8 , 332 pp.
- BUREAU D'INFORMATION ET DE PRESSE. *Durrut: Sa Vie, sa mort*. Paris, BIP, s.d.; in-8 , 152 pp.
- CUADERNOS BIBLIOGRÁFICOS DE LA GUERRA DE ESPAÑA 1936-39. *Memorias y Reportajes de Testigos*. Madrid, Universidad, 1967, 222 pp.
- CUADERNOS BIBLIOGRÁFICOS DE LA GUERRA DE ESPAÑA 1936-1939. *Periódicos publicados en tiempo de guerra*. Madrid, Universidad, 1967, 302 pp.

- DAY, Hem. *Le Capitalisme international devant l'Espagne révolutionnaire*. Bruxelles, Pensée et Action, 1937, 16 pp.
- GARCÍA PRADAS, José. *Antifascismo proletario. (Tomo I) Tesis. Ambiente y Táctica*. Madrid, Frente Libertario, 1937, in-8, 148 pp.
- GARCÍA PRADAS, José. *España Colonia de su Ejército*. Paris, MLE-CNT, 1947, 45 pp.
- GARCÍA PRADAS, J. *La Revolución y el Estado: Táctica Marxista*. Paris, Solidaridad Obrera, 1947, 204 pp.
- GARCÍA PRADAS, José. *Rusia y España*. Paris, Tierra y Libertad, 1948, 212 pp.
- GONZÁLEZ, Ildefonso. *Il Movimento Libertario Spagnolo*. Napoli, R.L., 1953, 51 pp.
- IBARRURI, Dolores. *A Los Trabajadores Anarquistas*. Paris, Parti Communiste Français, s.d, 48 pp.
- IBARRURI, Dolores. *Memorias de la Pasionaria*. Paris, Julliard, 1964, 437 pp.
- IGNOTUS. *El Anarquismo en la Insurrección de Asturias, (La CNT y la F.A.I. en octubre de 1934)*. Valencia, Tierra y Libertad, 1935,
- IGNOTUS. *La Represión de octubre. Documentos para servir a nuestra civilización*. Barcelona, Tierra y Libertad, 1936, in-8, 250 pp.
- KAMINSKI, H. E. *Quelli di Barcellona*. Milano, Il Saggiatore, 1966, 235 pp.
- KRIVITSKY, W. G. *La Mano de Stalin sobre España*. Claridad, 1946, 32 pp.
- LIBRE ACUERDO. *Horas decisivas (El Movimiento Libertario Español y la política)*. Paris, Libre Acuerdo, 1945, 33 pp.
- LUX. *La España libertaria*. edición clandestina, 100 pp.
- MISTRAL, S. *Éxodo. Diario de una refugiada Española*. México, Minerva, 1940, 191 pp.
- M.L.E. *Karaganda. (La Tragedia dal Antifascismo Español)*. Toulouse, MLE-CNT, 1948, 32 pp.
- M.L.E.-C.N.T. 1936-1946 — *Libro de Oro de la Revolución Española*. Toulouse, MLE-CNT, 1946.
- MOVIMIENTO LIBERTARIO. *El Movimiento Libertario através de los congresos y Plenos de la Comedia, Zaragoza, Valencia, Barcelona*.

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

- OLIVEIRA PIO, F. De (Coronel). *Duas palestras sobre Fascismo ibérico*. Rio de Janeiro, Germinal, 1959, 36 pp.
- ORWELL, George. *Cataluña 1937. Testimonio sobre la Revolución Española*. Buenos Aires, Proyección, 1963, 247 pp.
- ORWELL, George. *Homage to Catalonia*. London, Penguin, 1964, 221 pp.
- PALACIO, Solano. *Entre dos Fascismos (Memorias de un voluntario de las Brigadas Internacionales en España)*. Valparaiso, Más Allá, 1940, 189 pp.
- PEIRATS, José. *La CNT en la Revolución Española* (Tres tomos). Toulouse, CNT, 1951-52-53, I: XVI+392; II:398; III. 399 p.
- PEIRATS, José. *Estampas del Exilio en América*. Paris, CNT, 153 pp.
- PIKE, David Wíngate. *La crise espagnole de 1936 vue par la presse française et notamment par la presse toulousaine*. Toulouse, Thèse pour le Doctorat de l'Université, 1966, XLIV +432 p.
- PUENTE, Isaac. *Le Communisme Libertaire. Ses possibilités en Espagne*. Nîmes, A.L.A.R.K., 1934, 40 pp.
- RICHARDS, Vernon. *Insegnamenti della rivoluzione Spagnola*. Genova, R.L.
- SOUCHY, Agustín y FOLGARE, Paul. *Colectivizaciones. La Obra constructiva de la Revolución Española*. Barcelona, Tierra y Libertad, 1937, in-8, 196 pp.
- SOUTHWORTH, Herbert. *Le Mythe de la Croisade de Franco*. Paris, Ruedo Ibérico, 1964, 327 pp.
- SOUCHY, Agustín. *Nacht uber Spanien-Bürgerkrieg und Revolution in Spanien*. Darmstadt, Die Freie Gesellschaft, 269 pp.
- THOMAS, Hugh. *La Guerre d'Espagne*. Paris, Laffont, 1967, 2 tomes 447+542.
- VALLINA, Pedro. *Crónica de un revolucionario*. Paris, Solidaridad Obrera, 1958, 122 pp.

Estas e outras obras sobre o mesmo assunto poderão ser encontradas na Biblioteca do "Centre International de Recherches sur l'Anarchisme" (24, Avenue de Beaumont, 1012, Lausanne, Suíça — Tel. 32 3543) ou consultadas pelo sistema de empréstimo internacional.

Assinatura anual — 10 francos suíços (NC 8,40)

Assinatura vitalícia — 100 francos suíços (NC 84,00)

As despesas de porte (registrado) estão a cargo do destinatário.

Informações: Pietro Ferrua. Caixa Postal. 5475 Agência de Ipanema, Rio de Janeiro.

DOCUMENTO 12

Anúncio da palestra suplementar do Prof. Carlos M. Rama

Teatro Carioca

Curso: “Aspectos Históricos do Anarquismo”

Temos o prazer de proporcionar ao prezado público que assiste ao presente ciclo, uma palestra *suplementar*, hoje, a cargo de:

Carlos M. Rama

— Professor de História Social na Universidade de Montevideú.

— Bibliógrafo, historiador dos movimentos sociais e operários.

— Autor de várias obras sobre historiografia do socialismo.

— Membro do “Comitê Internacional de História Social” da UNESCO.

— Membro do Comitê do “Centro Internacional de Pesquisas sobre o Anarquismo” que, na cadeira do Prof. Pietro Ferrua, falará sobre “Revolução Espanhola de 1936/1939”.

A partir do próximo sábado o curso ministrado pelo Prof. Ferrua terá prosseguimento normal.

Teatro Carioca

Rua Senador Vergueiro, 238-GB

(Texto redigido e distribuído em 13/7/1968 por Rosa Maria de Freire Aguiar e Regina Helena Machado)

DOCUMENTO 13

Entrevista do diário carioca O Paiz, 15/07/1968, p. 3

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

Dólar esmaga o Pêso e a inflação corrói o Uruguai

Para o Professor Carlos Rama, da Universidade de Montevidéu, a causa fundamental da crise atual do Uruguai é a baixa dos preços de venda das exportações. No ano passado, o preço da lã — matéria prima que contribui com 60% nas exportações — caiu em 40%. A carne é comprada pela Inglaterra por um preço que nem sequer paga o custo de produção.

Acentua que a consequência da deterioração dos preços de exportação é a desvalorização constante da moeda nacional em relação ao dólar, originando a inflação e a inevitável corrida entre salários e preços. O orçamento resulta insuficiente e os problemas sociais e políticos se multiplicam.

Ao analisar com exclusividade para *O Paiz* as medidas adotadas pelo governo uruguaio para enfrentar a crise, acentua o Prof. Carlos Rama que o Presidente Pacheco Areco “tem se revelado incapaz de aplicar medidas profundas e sérias”:

— O governo simplesmente entregou-se ao Fundo Monetário Internacional contraindo custosas dívidas e aceitando sua política de congelamento de salários, opondo-se às aspirações da maioria dos trabalhadores. Sem base popular, procura respaldo nas forças políticas conservadoras internas e no governo fascista da Argentina.

Após lembrar que o governo uruguaio está bastante desprestigiado por vários casos de corrupção administrativa, acentuou que “na última desvalorização do Peso ocorreu uma gigantesca negociata, fazendo com que a justiça penal recebesse denúncia da Câmara dos Senadores.”

O professor Carlos Rama foi o único hispano-americano, dentre os especialistas estrangeiros, a participar do Primeiro Encontro Brasileiro de Introdução aos Estudos Históricos, recém realizado em Nova Friburgo com a participação de cem professores brasileiros.

Prosseguindo afirmou que “o governo uruguaio é impopular e só conta com apoio das associações das grandes empresas e alguns partidos da extrema-direita. Em contrapartida enfrenta as classes populares.”

DOCUMENTO 14

Anúncio do Jornal do Brasil de 20/07/1968

Aspectos Históricos do Anarquismo

— Oito aulas com o Professor Pietro Ferrua, do *Centre International de Recherches sur l'Anarchisme* de Lausanne. No Teatro Carioca. Aos sábados, às 16h.

DOCUMENTO 15

Palestra de John Cage

Sobre a palestra de John Cage publiquei um artigo em *Verve*, São Paulo, 2003, v. 4, pp. 20-31.

John Cage: anarquista fichado no Brasil.¹¹

Ainda que possa parecer incrível que um “inocente” compositor de música pudesse ter problemas com a Justiça, isso paradoxalmente ocorreu. E aconteceu no Brasil. Quando, em outubro de 1969, dezesseis anarquistas foram presos com o intervalo de algumas horas ou dias no Rio de Janeiro, faltaram três pessoas da lista dos indiciados: Edgar Rodrigues,¹² Carlos M. Rama¹³ e John Cage. Sobre essas prisões e o processo que se encadeou podemos consultar o recente livro¹⁴ de Edgar Rodrigues que registrou estes eventos, à exceção de alguns episódios deliciosos de que talvez ele não tenha tido conhecimento, como este que eu vou contar.

O serviço secreto vinha observando o movimento anarquista, e nós já desconfiávamos disso. Uma das muitas atividades que alguns de nós havia elaborado era justamente um curso sobre anarquismo, apresentado em um teatro local, bem central e muito conhecido, que foi alugado para esse evento. Nós também tínhamos conseguido o direito de usar o interior de faculdades e os *outdoors* mais bem localizados da cidade, os quais foram cobertos por anúncios e cartazes¹⁵ apresentando uma série de conferências sobre a presença dos anarquistas em revoluções passadas, como a Comuna de Paris, a Revolução Mexicana, a Revolução Russa, a Revolução Espanhola e os acontecimentos de Maio de 1968. Algumas precauções foram adotadas para evitar uma repressão imediata e a estratégia funcionou, pois o curso pôde ser concluído e as prisões só aconteceram um ano mais tarde. Para comprometer o menor número de pessoas foi estabelecida a fórmula de apenas um palestrante e foi decidido não transformar o ato em um comício político, apresentando-o como um curso pago,¹⁶ o que permitiu a realização do projeto. Os policiais designados para supervisionar o evento também tiveram que se inscrever como todos os outros, e criou-se uma brincadeira para identificá-los (os papéis tinham

sido invertidos): eles só poderiam ser pessoas desconhecidas pelos camaradas. Os policiais acabaram confusos — o que pôde ser percebido em seus relatórios durante os interrogatórios e o processo — pois eles tinham dificuldade em compreender a posição desses “fanfarrões” que eram contra os capitalistas, os fascistas e os bolchevistas, algumas vezes até os colocando no mesmo saco. Podemos então imaginar suas caras quando ouviram este americano (sim, um verdadeiro americano!) que substituiu o palestrante habitual e que foi apresentado ao público como o célebre compositor John Cage. Este corrigiu rapidamente o anfitrião dizendo que não gostava muito do título de músico e preferia o de “micólogo”. Fez questão de afirmar que de fato não era o estudo de cogumelos que o interessava, mas a colheita, ou melhor, a “caça” de diversas variedades, segundo a estação e as latitudes. Ele nos confessou, em seguida, que gostava principalmente de os cozinhar para depois comê-los... Nesse ponto, começou a divagar sobre cogumelos fritos ou recheados, na omelete ou preparados de outra forma. O assunto poderia ter continuado se ele não tivesse sido interrompido — por um provocador — e lembrado que era uma receita para uma Revolução que esperavam dele, não uma para cozinhar cogumelos. Foi nesse momento que John Cage exclamou: “como vocês querem fazer uma revolução se os telefones não funcionam?” O que podia parecer uma piada, era para ele uma experiência e uma convicção. A experiência, pela qual fui responsável, o tinha marcado a tal ponto que é praticamente a única lembrança escrita que ele deixou (que eu saiba) de nossa aventura juntos. De fato, no seu *M: Writings’ 67-72*, ele escreve: “eu espero no hotel do Rio de Janeiro, para saber se devo ou não me encontrar com pessoas que estão estudando o anarquismo (eles haviam estudado até Thoreau e como descobriram que eu gostava do *Journal* de Thoreau, pediram que eu dividisse minhas impressões com eles): o telefone não tocou.”¹⁷

Cage ainda não sabia que nós tínhamos tentado em vão conseguir uma linha de telefone num restaurante ao lado, o que, no Brasil dos anos 1960, significava ficar meia hora na fila, esperar o sinal de linha livre, achar o número do hotel, ceder o aparelho para a pessoa de trás, retomar a fila e assim em diante, às vezes podendo chegar a mais de duas horas de espera.¹⁸

Mas chegou o momento de voltarmos no tempo para explicar como conheci o compositor e como o embarquei nessa aventura. Alguns dias antes tinha recebido um extraordinário convite para jantar na casa de Jocy de Oliveira,¹⁹ a mais “anarquista” dos compositores brasileiros (o que ela confirmou alguns anos mais tarde).²⁰ O objetivo era entreter, durante e depois do banquete, John Cage, o pianista David Tudor, o coreógrafo Merce Cunningham e todo seu grupo. Arnaldo Sant’Anna de Moura e eu tivemos o privilégio de nos ocupar de Cage durante um momento desta magnífica

noite. Após uma longa discussão musical sobre o “intonarumori” (o “acorda-barulhos”) futurista de Russolo e Pratella (ele nunca tinha visto um e se interessava muito) e sobre o teremin (sintetizador pioneiro do qual meu sogro foi um dos raros especialistas) começamos a falar sobre o C.I.R.A. (Centre International de Recherches sur l’Anarchisme), cujas atividades na Suíça ele conhecia e ficou surpreso em saber que no Brasil os anarquistas se reuniam à luz do dia em plena ditadura. Como ele se declarou abertamente anarquista, eu lhe pedi se poderia nos visitar oficialmente, o que nos proporcionaria uma boa propaganda em alguns meios. Ele aceitou com prazer e foi decidido que iria apresentar o anarquismo de Thoreau, porque ele não acreditava muito em revoluções violentas e não conhecia suficientemente os assuntos do curso para apresentar um. A confirmação de sua presença dependia do telefonema que não conseguimos dar. Felizmente, também tínhamos tomado a precaução de enviar alguém para buscá-lo no hotel, com dois carros (se me lembro bem, dois carros idênticos que iam em direções opostas eram utilizados nessas ocasiões). Não me lembro quem foi encontrá-lo no hotel, mas ele chegou ao Teatro Carioca e nos entreteve durante boas duas horas com piadas recheadas de sérias considerações sobre o anarquismo tecnológico. Deixando Thoreau um pouco de lado, cujo papel na cultura americana nós já conhecíamos, ele apresentou idéias de Suzuki, de Buckminster Fuller e de Paul Goodman, que nós ignorávamos ou não tínhamos o hábito de associá-los ao anarquismo. Cage manteve a tese da libertação da sociedade por uma revolução não-violenta e isso graças às novas tecnologias (com as quais se irritavam os anarco-sindicalistas). A visita de John Cage aos anarquistas foi ignorada pela imprensa, mas contribuiu ainda assim para fazer conhecer as atividades anarquistas nos meios artísticos e intelectuais e para consolidar sua posição. Comparecemos em grupo, nos dias seguintes, a todos os seus espetáculos e o reencontramos; no entanto, sua estadia chegou ao fim e foi com tristeza que dele nos separamos. Um ano depois começaram as prisões e alguém lhe deu a notícia nos Estados Unidos. Não creio que ele tenha se abalado pelo fato da ditadura ter citado seu nome. Apesar disso, a fantasia do serviço secreto brasileiro fez John Cage entrar para a história do anarquismo do Rio de Janeiro. Fica também sua mensagem: “conselho aos anarquistas brasileiros: melhorem seu sistema telefônico. Sem telefone será totalmente impossível começar uma revolução.”²¹

Além deste episódio de participação ativa, John Cage sempre apoiou o anarquismo em seus escritos. Folheando sua obra podemos reconstituir sua trajetória, que vai de Lao Tsé a Paul Goodman, passando por Thoreau. Sua prosa era tão assistemática quanto sua música, e é preciso reconstruir pacientemente o quebra-cabeça de seu pensamento: “Sem políticos, sem polícia”,²² “Não ao governo, apenas educação”,²³ “A anarquia é prática”,²⁴

“Nós devemos realizar o impossível, nos desfazer do mundo das Nações, introduzindo o jogo da inteligência anárquica no mundo”;²⁵ “Nós sabemos que o melhor governo é não existir governo.”²⁶

Ele mesmo definirá seu anarquismo como um tecno-anarquismo *à la* Kostelanetz.²⁷ Mas seu anarquismo também tem outras fontes. Para Max Blechman,²⁸ sem dúvida o último a entrevistá-lo sobre a data de sua adesão às idéias anarquistas, Cage respondera: “eu comecei a me interessar pelo anarquismo mais ou menos nos anos 1940... Vera e Paul Williams me ‘converteram’. Mas principalmente James J. Martin.” Ele conhecia a obra de Emma Goldman, e também estava a par dos acontecimentos espanhóis, sempre pregando um anarquismo cotidiano, imediato. De fato, ele considera: “eu dou um exemplo de como isso funciona agora” e revela que o anarquismo para ele é uma segunda natureza: “eu sou anarquista da mesma maneira que telefonamos, que apagamos a luz, que bebemos água.”²⁹

Além do mais, ele não se limitou a viver ou a mencionar suas idéias revolucionárias; ele as adaptou às suas modalidades de expressão. Suas composições literárias e musicais são anarquistas tanto pelo conteúdo quanto pela forma. Sua escrita não é convencional e se exprime de uma maneira totalmente original. Seus mesósticos parecem um jogo de palavras cruzadas que lhe permitem condensar seu pensamento (máximas horizontais) e defini-lo (fórmulas verticais). Poderíamos observar que os futuristas e os poetas concretos o antecederam e que ele tomou-lhes emprestado algumas descobertas. Porém, seus antecessores frearam diante de alguns caminhos não os explorando às últimas consequências, enquanto ele os sistematiza, fazendo livros inteiros e composições musicais (de vez em quando os gêneros acabam se confundindo). Às vezes, ele constrói estruturas rígidas (como Arnold Schoenberg, do qual ele foi discípulo) acabando por violá-las deliberadamente no decorrer da construção. Seus livros são feitos na forma de estruturas circulares e não têm nem um verdadeiro começo, nem um verdadeiro fim. Tanto a indeterminação quanto a incoerência são evidentes, o todo pendendo para a disciplina e tendo como resultado uma estrutura variável.

O mesmo acontece com sua música na qual o elemento anárquico se situa em todos os níveis: o abandono dos cânones tradicionais, a mistura de gêneros, a supressão do maestro, a introdução da noção de silêncio, o uso de sons naturais (barulhos também), mecânicos, elétricos, eletrônicos, etc... Sua gama de sons e suas experiências são tão numerosas quanto suas obras. Ele dizia: “ficando aberto ao imprevisto espero com alegria o que vai acontecer.”³⁰

Em *Atlas Eclipticalis* (1932) ouvimos 25.000 sons em liberdade durante 160 minutos; em *Bacchanale* (1936) ele altera os sons do piano colocando entre as cordas papel, porcas, cinzeiros (inventando assim o “piano preparado”); em *Construction in metal*; (1937) utiliza gamelans indonésios junto com chapas metálicas e peças de freios de carros; em *Empty Words* (1973-78) usa um jogo de vozes, o grito e vocalizes misturando sílabas e letras de um texto de Thoreau; em *Européras* (1987-91) mistura gravações em fita magnética com fragmentos de discos, pianistas, cantoras de ópera e muitos projetores; em *59 ¼' for a string player* (1953) os instrumentos de corda são tocados com ou sem palheta e as caixas de ressonância são batidas como se fossem instrumentos de percussão; em *4 minutos e trinta e três segundos* (1942) o pianista fica sentado diante de seu instrumento sem emitir nenhum som (John Cage gostava de dizer: “eu penso que a melhor composição, pelo menos a que eu prefiro é a silenciosa (4'33”)”). Ela é feita em três movimentos e não tem som. Eu queria que minha música fosse livre dos sentimentos e idéias do compositor. Eu senti e espero ter levado as pessoas a sentir que os sons dos seus ambientes constituem uma música que é muito mais interessante que a música que eles escutariam, se estivessem dentro de uma sala de concerto”);³¹ *HPSCHD* (1968) foi concebida como uma peça para cravo e aparelhos eletrônicos; *Imaginary Landscape* nº 5 (1952) é uma composição para 42 gravações fonográficas enquanto que *Imaginary Landscape* nº 4 (do ano anterior) propunha um som produzido pela emissão de doze rádios; *Muoyce* [Música + Joyce] (1983) foi formada com sons emprestados de *Finnegan's Wake* e cantados sobre diversos ritmos descontínuos, sem melodia mas com o acompanhamento de sirenes; *Variations II* (1961) é uma peça indeterminada para um número variável de músicos produzindo qualquer som; *Variations V* (1965) é composta de três elementos: barulhos amplificados, dança e uma montagem de filmes; *Winter Music* (1957) pode ser tocada por um número indeterminado de pianistas (de 1 a 20). E assim por diante.

Arnold Schoenberg, que foi seu mestre durante algum tempo, ouso dizer de John Cage: “naturalmente, ele não é um compositor, mas um inventor genial”, enquanto que Bruno Maderna disse: “nós somos todos cageanos.”³² Já, para Peter Yates: “o compositor de sua geração que teve mais influência, no plano mundial.”

Não importa a área em que se envolvia (música, literatura, balé, etc...) Cage sempre se distinguia por este lema: “a revolução não pode nunca parar.”³³ Sob todos os aspectos e especificamente sobre as idéias anarquistas, ele dirá a Max Blechman, apenas algumas semanas antes de morrer: “tenho uma amiga que está voltando da Espanha onde conhece um escultor que lhe disse: ‘de erro em erro chegaremos a vitória final’. Ela acredita — como ele, como eu, e como cada vez

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

mais pessoas — que o futuro político da humanidade será anarquista. Nós só podemos ter uma humanidade universal e anarquista ... mas é preciso um anarquismo pacífico... ou haverá muito do que poderíamos chamar de dor.”³⁴

Os camaradas de Marselha que fundaram o “Grupo anarquista John Cage” foram bem inspirados.

PS: John Cage tinha sido convidado para participar do programa musical do Primeiro Simpósio Internacional sobre o Anarquismo de Portland, mas não pôde comparecer devido a contratos assinados anteriormente com o coreógrafo Merce Cunningham, mas ele nos permitiu colocar no programa seu *Imaginary Landscape n° 4*, incrivelmente interpretado pelo Lewis Clark Chamber Choir dirigido por Gilbert Seeley.

DOCUMENTO 16

Palestra de John Cage

Este segundo artigo dedicado à memória de John Cage foi composto para lembrar a visita do companheiro no Rio de Janeiro.

O “Testamento Anarquista” de John Cage

Publicado em Verve, São Paulo, 2004, v. 5, pp. 219-229

No meu artigo anterior sobre o grande compositor americano³⁵ contei alguns encontros que tive com ele no Brasil: em casa da insigne compositora brasileira Jocy de Oliveira e do Maestro Eleazar de Carvalho no Leblon (junto com Arnaldo e Nora Sant’ Anna de Moura), no Teatro Carioca da rua Senador Vergueiro (onde ele se entreteve com o Ideal Peres, Jacques Kalbourian e Rosa de Freire Aguiar, entre outros), no espetáculo de dança de Merce Cunningham (onde eu fui com Gizela e Lícia Valladares), etc.

Nessas circunstâncias encontramos outros artistas e intelectuais (limito-me a citar um dos mais entusiastas admiradores dele, de quem eu me lembro, o amigo professor Antonio Maria de Miranda Netto) estarecidos em descobrir que Cage tinha simpatias anarquistas. Eu mesmo ficara agra-

davelmente surpreendido com as numerosas e pormenorizadas perguntas que ele me fizera sobre as minhas vicissitudes anarquistas, e, sobretudo, em relação ao *Centro Internacional de Pesquisas sobre o Anarquismo*, que eu tinha fundado em Genebra uns anos antes.

Quando chegou a hora da despedida, comuniquei-lhe a grande alegria que tinha inspirado sua visita ao Brasil e sua colaboração conosco e perguntei-lhe porque ele não escrevia alguma coisa sobre anarquismo que pudessemos divulgar como "propaganda". Respondeu-me que se lêssemos atentamente seus escritos encontraríamos bastantes referências às crenças anarquistas dele. Acrescentou que se assim não tivesse sido ele não teria aceito levemente um convite para tratar do assunto em público em plena ditadura militar. Insisti que uma obra dedicada inteiramente ao assunto aumentaria as chances de realizar o projeto social que compartilhávamos. Sorriu, pensou um pouco e acabou dizendo que talvez eu tivesse razão, que ia pensar nisso. E a coisa ficou aí.

Quando faleceu e escrevi sobre ele não mencionei a "meia promessa" feita. Mal sabia eu que ele mantivera o empenho deixando o manuscrito de *Anarchy*. Permanece o mistério de descobrir porque esse texto traz a data de 1988 e só apareceu em 2001.

Em vez de um tratado sobre sua concepção do anarquismo, o compositor criou uma obra poética, baseada na estrutura do "mesóstico" (por ele já praticada anteriormente) mas contendo várias inovações todas tendentes a envolver a participação do leitor. Uma crítica reproduzida na capa, confirma tudo quanto Cage me declarou na despedida de 1968 no Rio de Janeiro; "Apesar de trazer para sua poesia e outros escritos sua profunda, duradoura preocupação com as sociedades e com os modos de transformá-las para melhor, as formas com as quais o fez enquanto escrevia *Anarchy* (...) são especialmente brilhantes e esteticamente instigantes."³⁶

Para conceber esta pérola, Cage adotou uma linguagem revolucionária baseada na "aleatoriedade" (*un coup de dés n'abolira jamais le hasard*,³⁷ como dizia o Mallarmé?). Ele renunciou porém ao lance dos dados e das moedinhas em favor de um programa informático.

O texto (de uma palestra?) se compõe de vinte poemas nos quais aparecem as ideias de Kropotkin (que abre a série), Emma Goldman, Thoreau, J.J. Martin, Bakunin, Malatesta,³⁸ ou de para-anarquistas (muito citados já na palestra do Teatro Carioca) como Buckminster Fuller e Marshall McLuhan.

O primeiro poema (este e o seguinte não tem títulos mas apenas um número progressivo) é dedicado a Pietr Kropotkin. Além da forma do mesóstico também adota o princípio do velho pergaminho do qual algumas

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

letras desapareceram no decorrer dos anos e que o leitor deve reconstituir, como num palimpsesto.

Enquanto o primeiro poema é contido em quinze versos, o segundo ocupa quase oito páginas. O autor traça uma comparação entre problemas sociais e musicais. A seu ver, a introdução da noção de silêncio na música foi tão necessária para a evolução desta arte como o conceito de anarquia o é para encontrar uma solução aos problemas dos governos. A dinâmica do poema é inspirada por uma palestra de Emma Goldman.

No terceiro, estuda-se a função do anarquista como facilitador dos processos numa sociedade onde os serviços públicos são a base do convívio social.

O quarto é um grito de liberdade contra qualquer coação que impeça ao ser humano de se desenvolver. Condena a política imperialista do governo americano pedindo que saia da América Central e do Oriente Médio.

Mais engajado ainda é o poema 5, no qual Cage denuncia o método “hipnótico” dos governos para perpetuarem a própria autoridade. O poeta acha que a hora chegou para a gente tomar consciência do fato que os governos não só não são necessários mas são instituições imorais nas quais pessoas de respeito não deveriam tomar parte. O poema não faz senão bordar sobre uma citação de Mikhail Bakunin do qual Cage compartilha e assume as idéias.

O número 6 é uma consideração sintética sobre a natureza e a mente humana. O poeta deseja que o projeto individual mude radicalmente e torne-se projeto global para a sociedade de todos.

O número 7 indica o lugar do indivíduo na sociedade e o papel que ele pode desenvolver num contexto no qual o anarquismo pode funcionar. O número 8 é dedicado a um anarquista pouco conhecido fora dos Estados Unidos (bem como na França, onde nasceu), Hippolyte Havel, que porém desenvolveu um papel importante no movimento anarquista norte-americano em princípios do século XX e ao redor de Emma Goldman. A bibliografia dele, ou sobre ele, sendo muito reduzida, constitui uma prova a mais de que a cultura anarquista de Cage não era nem superficial, nem aproximativa. Cage não é a caricatura do intelectual descomprometido com a realidade que o rodeia e fechado na torre de marfim, mas um artista e pensador engajado no movimento com uma visão diacrônica e sincrônica das problemáticas do anarquismo.

O seguinte, trata de Tolstói, uma referência rara nos meios anarquistas, geralmente ateus que quase sempre se afastaram dele por causa de sua religiosidade. Cage nem levanta o problema do cristianismo tolstoiano e limita-se a render ao pensador russo uma breve homenagem.

O posterior é um brado de luta (poema 10) contra as multinacionais que se apoderaram das riquezas sociais às custas das multidões e das quais temos que nos desfazer se não quisermos que a humanidade acabe. O nº 11 amplia o discurso anticapitalista. As políticas econômicas mundiais deveriam ser regidas pela inteligência cooperativa e não pela inteligência concorrencial. Confirma a própria fé na tecnologia.

O nº 12 é uma reminiscência de seu próprio livro *A Year from Monday*.³⁹ Na sequência, um poema de homenagem a Buckminster Fuller, um pensador pouco discutido nos ambientes anarquistas, mas em quem o Cage tinha muita fé como construtor de modelos de vida social viáveis, harmônicos, libertários. Conceitos que ele já tinha expressado na palestra de 1968 no Teatro Carioca.

No seguinte (poema 14) o autor nos surpreende com uma apologia do insurrecionalismo revolucionário no qual o revoltado pode perder a vida a qualquer momento. Talvez para apaziguar o leitor chocado pelo anterior, o poema 15 volta à indagação intelectual nos mistérios da realidade.

O poema 16, em complemento ao anterior, é uma indicação de que a numeração progressiva não deve absolutamente ser tomada em consideração no sentido de uma evolução do pensamento do autor ou de um desenvolvimento sistemático de uma idéia. A estrutura do livro é paralela a estrutura de cada poema: não é a lógica que determina mas o acaso, não é a ordem que predomina, mas a aleatoriedade. O leitor, porém, querendo pode mudar a ordem da sucessão dos poemas e colocá-los numa perspectiva diferente, ditada pelas suas escolhas éticas, estéticas ou simplesmente na base de um método de sistematização próprio. A lição do poema é que as sementes plantadas pelos anarquistas no começo do século passado podem ainda frutificar intelectualmente.

O nº 17 é dedicado a Henry David Thoreau, o proponente da desobediência civil (que tantos seguidores teve na América dos últimos cinquenta anos) do qual o poeta foi sempre um grande admirador pelas suas andanças nos bosques e suas crenças ecológicas.

O seguinte (18) é uma lembrança de Bakunin que plantou a semente da nova sociedade. A tarefa do revolucionário é explicitada no poema 19: transformar a si mesmo, viver como homem livre e ganhar a luta para estabelecer a nova sociedade.

O poema final é inspirado, mais uma vez, por Buckminster Fuller, que sempre foi o modelo para Cage conceber a organização de uma sociedade ecológica e livre.

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

Essa primeira, rápida e simplificadora excursão nos meandros de *Anarchy* de John Cage é provisoriamente suficiente para poder declarar que se trata de um grande livro que resume não só uma vida, mas também um século de pensamento anarquista. Não confundamos os ensaios influentes escritos por anarquistas do século vinte (como *Nacionalismo e Cultura* do Rudolf Rocker, admirado até por Albert Einstein e Sir Bertrand Russell), com as sínteses artísticas, como *O Castelo* e *O Processo* de Franz Kafka (as atividades dele como militante nos grupos anarquistas e anarco-sindicalistas de Praga ficaram esquecidas, mas a obra literária dele tornou-se imortal). Cage nunca foi uma figura política dentro do movimento anarquista americano, mas quem pode julgar se um economista é mais importante do que um músico, ou um sociólogo mais importante do que um pintor? A história nos indica que às vezes os artistas são mais coerentes (por serem mais sensíveis?) do que os militantes propagandistas. Temos o exemplo de Paul Signac, militante anarquista e pintor neo-impressionista, que não perdeu a cabeça durante a Primeira Guerra Mundial e se considerou “traído” pelo bem mais politizado militante Jean Grave que, junto a Kropotkin e vários outros intelectuais anarquistas, aderiu ao conflito em oposição à Alemanha.

Falei de testamento em relação a John Cage e acho que com alguma razão, pois este livro resume o sentido de uma vida. Trata-se de um depoimento artístico de grande alcance e, espero eu, de importantes consequências, pois vai atrair ao anarquismo muitas simpatias no campo musical e poético.

O pensamento anarquista de Cage não é necessariamente original. Mas poder-se-ia dizer o mesmo do pensamento de um dos grandes filósofos da Renascença francesa, Michel de Montaigne, que costumava dizer mais ou menos “Je prends mon bien là où je le trouve.”⁴⁰ John Cage faz a mesma coisa, ele toma emprestado conceitos e citações de pensadores anarquistas e os faz seus, no sentido de englobá-los na própria obra e no próprio pensamento. Quem lê os poemas sem ler o prefácio pode pensar que as frases mais contundentes e provocatórias são de sua autoria. De fato são “suas” no sentido de Montaigne, pois foi Cage que as leu, as privilegiou, as isolou das outras e do contexto e fez a (tão criticada!) colcha de retalhos. Assim, pouco importa saber se uma verdade que nos seduz é da autoria de, digamos, Buckminster Fuller ou de John Cage. Pelo fato mesmo de tê-la escolhido e citado, ele a consagrou como mensagem válida para ele.

A cultura anarquista de Cage, aliás, não é superficial. Por exemplo, ele não leu só, digamos, Emma Goldman, mas leu também quem escreveu sobre ela, como Drinnon e Havel, biógrafos e exegetas dessa militante lituano-

americana. Basta ler o prefácio para apreender como ele seguiu pistas, pesquisou, escutou, leu.

A originalidade reside mais na elaboração, na construção, no jogo (o aspecto lúdico dele já estava presente em todas as obras anteriores, poéticas bem como musicais). Este livro é complexo mais do que complicado, pois a chave ele mesmo dá quando se lê a introdução, que contém instruções pormenorizadas para a correta interpretação. Porém, esmiuçar os detalhes não acrescenta muito à fruição dos poemas. Mallarmé já nos ensinara que a banalização literal rouba metade do prazer. O livro parece até um bocadinho requintado para os concretistas brasileiros que saberão transcri-lo, como fizeram com Pound, Joyce e outros grandes.

Eu, por mim, estou satisfeito assim: obrigado, John Cage, promessa e missão cumprida.

Continua em Verve 16.

Notas

¹ Numa carta do Rio de Janeiro ao C.I.R.A.-Lausanne, em 16/12/1965, na p. 2, eu mesmo formulo a hipótese da fundação de uma seção brasileira (ou latino-americana) certamente já precedida por alguma sondagem sobre o projeto. Apesar de algumas hesitações, prevejo a possibilidade de poder concretizar a iniciativa dentro de algum tempo, o que de fato acontece.

² Na publicação desta primeira parte são reproduzidos na íntegra os documentos da lista referentes aos n.ºs 1 a 16. Os seguintes serão publicados posteriormente em Verve 16. (N. E.)

³ Centro de Estudos Professor José Oiticica. (N. E.)

⁴ Comissão de Relations de l'Internationale de Fédérations Anarchistes. (N. E.)

⁵ John H.F. Dulles. *Anarchists and Communists in Brazil*. Austin-Dallas, University of Texas Press, 1973, pp. XIX-603.

⁶ Edgar Rodrigues (conforme o original do autor. N. E.)

⁷ Edgar Rodrigues me informou que faleceu também o companheiro espanhol Martínez, vigia da Biblioteca-Arquivo.

⁸ *Outros 500 - Pensamento Libertário Internacional*, co-organizado pelo Prof. Edson Passetti quando Diretor da Faculdade de Ciências Sociais com o Centro de Cultura Social e outros anarquistas. Encontro que reuniu anarquistas de várias partes do planeta, realizado no TUCA, Teatro da PUC/SP em 1992.

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

⁹ Section Française de l'Internationale Ouvrière. (N. E.)

¹⁰ Fac-símile presente nos arquivos do C.I.R.A. Informações contidas no cartaz: “Curso: Aspectos Históricos do Anarquismo. Oito aulas com o Professor Pietro Ferrua, do *Centre International de Recherches sur l'Anarchisme* de Lausanne. No Teatro Carioca. Aos sábados, às 16h. Informações também disponíveis no documento 14 (N. E.)

¹¹ Traduzido por Carolina Besse e Thiago Rodrigues.

¹² Este camarada foi o único a não ser preso, entre os oficialmente indiciados no momento da acareação sobre o estatuto do Centro de Estudos Professor José Oiticica. Ele figurava como bibliotecário da instituição, mas ninguém conhecia — ou fingia não conhecer — o verdadeiro nome que se escondia por trás deste pseudônimo.

¹³ Carlos M. Rama vinha periodicamente ao Brasil visitar uma de suas filhas que veio morar no país depois de se casar com um brasileiro. Uma de suas viagens coincidiu com nosso curso e ele teve a bondade de me substituir para falar sobre os anarquistas na Revolução Espanhola de 1936-39, assim como havia feito Ideal Peres na semana anterior para nos mostrar a Revolução Russa. Carlos Rama, no dia de sua conferência, foi até entrevistado pela imprensa local. Mais tarde eu mesmo o avisei, estando em Montevidéu, das prisões ocorridas. Ele evitou as tempestades da ditadura brasileira, mas entrou em conflito com o governo uruguaio, refugiou-se no Chile de Allende e em seguida teve que se exilar na Espanha, onde morreu muito jovem.

¹⁴ O processo dos anarquistas, assim como os acontecimentos que se desencadearam foram relatados por Edgar Rodrigues em seu livro *O anarquismo no banco dos réus (1969-1972)* (Rio de Janeiro, VJR, 1993). Eu mesmo forneci ao autor uma parte da documentação, mas ele também utilizou documentos oficiais. Na época das prisões o camarada Rodrigues foi preservado das perseguições durante algum tempo, o que lhe permitiu manter contato com os camaradas que estavam livres, ajudar as famílias daqueles que estavam presos, encontrar advogados para a defesa e se tornar útil sob diversos planos.

¹⁵ Diego Abad de Santillán, que eu encontrava de vez em quando em Buenos Aires, com quem me correspondia regularmente e que me havia fornecido material para o curso, se espantou ao receber uma cópia do anúncio de nossas conferências, assim como a possibilidade de distribuir este tipo de material durante uma ditadura militar. Eu lhe respondi que não era mais permitido no Brasil do que na Argentina, mas que o fazíamos assim mesmo.

¹⁶ A taxa a pagar era modesta. Nenhum *pro labore* era destinado aos palestrantes e o dinheiro recebido contribuía para pagar o aluguel da sala e a impressão dos cartazes.

¹⁷ John Cage. *M: Writings '67-72*. Middletown, Wesleyan University Press, 1974, p. 59.

¹⁸ Eu tinha me inscrito para a compra de um telefone, para o qual pagava mensalidades regularmente, mas após seis anos ele ainda não tinha sido instalado. Eu me tornei proprietário de um apenas quando estava no exílio.

¹⁹ Em seu apartamento no bairro do Leblon, onde na ocasião ela morava com seu marido, o diretor de orquestra Eleazar de Carvalho.

²⁰ O *First International Symposium on Anarchism* deu-se em Portland entre os dias 17 e 24 de fevereiro de 1980. Foram oito dias de conversas, conferências, discussões, transmissões, projeções, espetáculos, recitais, concertos, etc. A parte mais bem sucedida foi aquela consagrada às expressões artísticas: dança, música, cinema. Nesta ocasião nos deleitamos escutando Jocelyne de Oliveira, tanto quanto pianista e animadora ao interpretar “Descrições automáticas. Embriões desidratados. Velhos sequins e velhas armaduras” de Erik Satie, como quando ela nos ofereceu a apresentação de um extraordinário e inesquecível espetáculo “Probabilistic Theater n. 1” sua composição para músicos, atores e dançarinos, que foi muitíssimo aplaudida.

²¹ John Cage. *M: Writings '67-72*, op. cit., p. 60.

²² John Cage. *Composition in retrospect*, p. 43.

²³ Idem, p. 126.

²⁴ Ibidem, p. 93.

²⁵ Ibidem, p. 34.

²⁶ John Cage. *M: Writings '67-72*, op. cit., p. 101.

²⁷ Ele tinha tanta confiança em Kostelanetz que permitiu que ele palpitasse sobre seus escritos e que fizesse uma montagem, para um artigo que apareceu na revista *Social Anarchism* (nº 14 de 1989, pp. 13-29) com suas idéias sobre educação. John Cage se limitou a adicionar algumas palavras, aqui e ali, entre parênteses.

²⁸ Citação: “Last Words on Anarchy. An Interview with John Cage by Max Blechman” in *Drunken Boat*, nº 2, pp. 221-225. A revista apareceu em setembro de 1994 mas a entrevista aconteceu em 24 de julho de 1992, menos de um mês antes da morte do compositor.

²⁹ John Cage. *A Year from Monday*, p. 53.

³⁰ John Cage. *Composition in retrospect*, op. cit., p. 32.

³¹ John Cage. “Interview with Jeff Goldberg” in *The transatlantic Review*, nº 55-56 de maio de 1976.

Os arquivistas: C.I.R.A. Brasil [1ª parte]

³² Citado por Piero Santi em “Método e caso in Cage” in *Spirali* n° 42 de junho de 1982, pp. 43-45.

³³ Idem, p. 33.

³⁴ Ibidem, p. 33.

³⁵ Pietro Ferrua. “John Cage, anarquista fichado no Brasil” in *Verve*. São Paulo, Nu-Sol/PEPG-Ciências Sociais PUC-SP, n° 4, 2003, pp. 20-31.

³⁶ “Although he often brought into his poetry and other writings his deep, lifelong concern with the world’s societies and with ways to change them for the better, the ways in which he did this while composing *Anarchy* ...are especially brilliant and aesthetically compelling.” Quarta página da capa do livro *Anarchy* de John Cage (Middleton, Connecticut: Wesleyan University Press, 2001) assinada por Jackson Mac Low.

³⁷ “um lance de dados jamais abolirá o acaso”, na tradução de Haroldo de Campos (Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos. *Mallarmé*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1991). (N. E.)

³⁸ Curiosamente o nome atribuído a Malatesta está errado: Mario em vez de Errico.

³⁹ Há uma tradução disponível em português: *De segunda a um ano*. Tradução de José Paulo Paes e revisão técnica de Augusto de Campos. São Paulo, Hucitec, 1988. (N. E.)

⁴⁰ “Eu tomo meu bem lá onde o encontro”. (N. E.)

RESUMO

Primeira parte do ensaio arquivista de Pietro Ferrua sobre a existência da seção brasileira do C.I.R.A. (Centro Internacional de Pesquisas sobre o Anarquismo), composta por registros referentes ao ano de 1968, com exceção da carta convocatória de 1967. Os documentos reunidos trazem uma breve história da prática cotidiana de anarquistas, seus deslocamentos ultrapassando fronteiras territoriais, e suas lutas contra a ditadura militar no Brasil.

Palavras-chave: cultura anarquista, C.I.R.A., libertarismos.

ABSTRACT

First part of Pietro Ferrua's archivist essay about C.I.R.A.'s (International Research Center about Anarchism) Brazilian section. It is composed by 1968 records, except for a convocatory letter from 1967. These documents shows a brief history of anarchists daily practice: their dislocation, exceeding territorial limits, and their struggles against the military dictatorship in Brazil.

Keywords: anarchist culture, C.I.R.A., libertarisms.

Indicado para publicação em 2 de junho de 2008.